



**UNIVERSIDAD AUTÓNOMA DE ASUNCIÓN  
FACULTAD DE CIENCIAS POLÍTICAS, JURÍDICAS Y DE LA  
COMUNICACIÓN  
MAESTRÍA EN CIENCIAS DE LA EDUCACIÓN**

**PERCENTAGEM DE ANALFABETISMO E DIREITO A  
EDUCAÇÃO EM ADULTOS DE 25 A 50 ANOS DO BAIRRO DOS  
COELHOS, RECIFE, PE – BRASIL – ANO 2.018**

**TEÓFILO BARBALHO**

Asunción - Paraguay  
2018

**TEÓFILO BARBALHO**

**PERCENTAGEM DE ANALFABETISMO E DIREITO A  
EDUCAÇÃO EM ADULTOS DE 25 A 50 ANOS DO BAIRRO DOS  
COELHOS, RECIFE, PE – BRASIL – ANO 2.018**

Dissertação apresentada ao Programa de Postgrado em Ciencias de la Educación da Universidad Autónoma de Asunción como requisito parcial para la obtención del título de Master em Ciencias de la Educación.

Orientador: Prof. Dr. José Antonio Torres

Asunción - Paraguay  
2018

## **FICHA CATALOGRÁFICA**

Barbalho, P. 2018. Percentagem de Analfabetismo e Direito a Educação em Adultos de 25 A 50 anos do Bairro Dos Coelhos, Recife, Pe – Brasil – Ano 2.018. 87 p. Teófilo Barbalho. Asunción: UAA/ Facultad de Ciencias Humanísticas y de la Educación.

Orientador: Prof. Dr. José Antonio Torres

Dissertação (Mestrado) – UAA/ Facultad De Ciencias Políticas, Jurídicas y de la Comunicación, 2018.

Palavras chave: 1. Analfabeto adulto, 2. Educação brasileira, 3. Direito à educação

**TEÓFILO BARBALHO**

**PERCENTAGEM DE ANALFABETISMO E DIREITO A  
EDUCAÇÃO EM ADULTOS DE 25 A 50 ANOS DO BAIRRO DOS  
COELHOS, RECIFE, PE – BRASIL – ANO 2.018**

Esta tesis fue evaluada y aprobada para la obtención del título de Máster en Ciencias de la Educación da Universidad Autónoma de Asunción- UAA

---

Dr.

---

Dr.

---

Dr.

A minha família: Obrigado pelo apoio a  
minha esposa e meus filhos.

Hoje, praticamente, não há país no mundo que não garanta, em seus textos legais, o acesso de seus cidadãos à educação básica. Afinal, a educação escolar é uma dimensão fundante da cidadania, e tal princípio é indispensável para políticas que visam à participação de todos nos espaços sociais e políticos e, mesmo, para reinserção no mundo profissional.

**Carlos Roberto Jamil Cury**

## SUMARIO

|   |           |
|---|-----------|
| LISTA DE SIGLAS .....   | viii      |
| LISTA DE GRÁFICOS.....  | ix        |
| <u>Resumen.....</u>   | <u>x</u>  |
| <u>Resumo.....</u>  | <u>ix</u> |
| INTRODUÇÃO.....   | 1         |
| 1. MARCO TEÓRICO .....  | 3         |
| 1.1 Educação e Direitos Humanos .....   | 3         |
| 1.1.1 Um pouco de história.....   | 4         |
| 1.1.2 Características dos Direitos Humanos .....  | 6         |
| 1.2 Educação como Direito Humano .....  | 7         |
| 1.3. A Educação nas normas internacionais .....   | 8         |
| 1.3.1 Pacto Internacional sobre Direitos Econômicos, Sociais e Culturais<br>(1966).....               | 8         |
| 1.3.2. Convenção sobre os Direitos da Criança (1989) .....  | 9         |
| 1.3.3 Convenção da UNESCO de 1.960 relativa à Luta contra a<br>Discriminação no Campo do Ensino ..... | 10        |
| 1.4. A educação nas normas do Brasil .....  | 12        |
| 1.4.1 A constituição Federal .....  | 12        |
| 1.4.2 O Estatuto da Criança e do Adolescente.....   | 13        |
| 1.4.3 A Lei de Diretrizes e Bases da Educação .....   | 14        |
| 1.5 A educação no Brasil.....   | 16        |
| 1.6. Acesso à Educação no Brasil .....  | 20        |
| 1.7. Analfabetismo no Brasil.....   | 23        |
| 1.8. O conceito de analfabetismo nas políticas públicas .....   | 25        |
| 1.9 Um olhar sobre os indicadores de analfabetismo no Brasil .....                                    | 29        |
| 1.10 As desigualdades regionais .....   | 30        |
| 1.11 O analfabetismo nos municípios .....   | 30        |
| 1.12 A distribuição pelas faixas etárias .....  | 32        |
| 1.13 Analfabetismo e gênero.....  | 33        |
| 1.14 Analfabetismo e renda.....   | 33        |

|        |  |           |
|--------|--|-----------|
| 1.15   | Programas para erradicação do analfabetismo no Brasil .....                          | 34        |
| 1.15.1 | Liga brasileira contra o analfabetismo no Brasil .....                               | 34        |
| 1.15.2 | A Campanha “De Pé no Chão” .....   | 34        |
| 1.15.3 | MOBRAL - Movimento Brasileiro de Alfabetização.....                                  | 35        |
| 1.15.4 | Fundação EDUCAR .....  | 35        |
| 1.15.5 | PAS Programa de Alfabetização Solidária .....  | 36        |
| 1.15.6 | PROFA - Programa de Formação de Professores Alfabetizadores ..                       | 36        |
| 1.15.7 | Programa Brasil Alfabetizado (PBA) .....   | 37        |
| 1.15.8 | Pró-Letramento .....   | 38        |
| 1.15.9 | Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (Pnaic) .....                       | 38        |
| 1.16.  | Avaliação Diagnóstica: Relevância e Aplicabilidade .....                             | 39        |
| 2.     | MARCO METODOLÓGICO .....   | 41        |
| 2.1.   | Local e época de investigação .....  | 44        |
| 2.2.   | População e amostra .....  | 45        |
| 2.3.   | Técnica e instrumento de coleta de dados .....                                       | 46        |
| 2.3.2  | Confiabilidade do questionário.....  | 49        |
| 2.4.   | Aplicação do instrumento.....  | 50        |
| 3.     | RESULTADOS OBTIDOS NA PESQUISA .....   | 47        |
| 3.1    | Dados sociodemográficos dos participantes da pesquisa .....                          | 47        |
| 3.2    | Resultados relacionados às noções de leitura e escrita em<br>alfabetismo adulto..... | 49        |
| 3.3.   | Resultados relacionados às noções de matemática em alfabetismo adulto .....          | 53        |
| 3.4    | Resultados relacionados às noções de espaço em alfabetismo adulto.....               | 54        |
| 3.5    | Resultados relacionados às noções do direito a educação.....                         | 56        |
|        | DISCUSSÃO.....   | 59        |
|        | SUGESTÕES.....   | 63        |
|        | <u>REFERÊNCIAS.....</u>  | <u>64</u> |
|        | ANEXOS .....   | 68        |



## **LISTA DE SIGLAS**

|         |  |
|---------|--|
| ECA:    | Estatuto da Criança e do Adolescente                               |
| IBGE:   | Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística                    |
| INEP:   | Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas                          |
| LDB:    | Lei de Diretrizes e Bases  |
| PNAD:   | Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios                        |
| PAS:    | Programa Alfabetização Solidária                                   |
| PROFA:  | Programa de Formação de Professores Alfabetizadores                |
| PBA:    | Programa Brasil Alfabetizado                                       |
| UNESCO: | Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e Cultura |
| MEC:    | Ministério de Educação e Cultura                                   |
| PUC:    | Pontifícia Universidade Católica                                   |

## LISTA DE GRÁFICOS

|                       |   |    |
|-----------------------|---|----|
| <b>Gráfico n° 1:</b>  | Idade dos participantes da pesquisa.....  | 47 |
| <b>Gráfico n° 2:</b>  | Porcentagem por sexo dos participantes.....   | 48 |
| <b>Gráfico n° 3:</b>  | Estado civil dos participantes  | 48 |
| <b>Gráfico n° 4:</b>  | Porcentagem dos participantes que tem emprego fixo.....   | 49 |
| <b>Gráfico n° 5:</b>  | Você sabe ler?.....   | 49 |
| <b>Gráfico n° 6:</b>  | No seu dia-a-dia, você lê?.....   | 50 |
| <b>Gráfico n° 7:</b>  | Alguma vez você já aprendeu a ler?.....   | 50 |
| <b>Gráfico n° 8:</b>  | Alguém lê para você?.....   | 51 |
| <b>Gráfico n° 9:</b>  | No seu dia-a-dia você precisa escrever?.....  | 51 |
| <b>Gráfico n° 10:</b> | Alguém escreve para você?.....  | 52 |
| <b>Gráfico n° 11:</b> | Você quer aprender a ler e escrever?.....   | 52 |
| <b>Gráfico n° 12:</b> | No seu dia-a-dia, você usa os números?.....   | 53 |
| <b>Gráfico n° 13:</b> | Você sabe fazer multiplicações e divisões?.....   | 54 |
| <b>Gráfico n° 14:</b> | Você sabe onde é à esquerda e a direita?.....   | 54 |
| <b>Gráfico n° 15:</b> | Quando precisa ir à esquerda ou à direita, você pergunta?.....  | 55 |
| <b>Gráfico n° 16:</b> | No mapa do Brasil você sabe reconhecer onde você mora?....  | 55 |
| <b>Gráfico n° 17:</b> | Você sabia que o Art. 6° da Constituição Federal reconhece a educação como um direito social?.....  | 56 |
| <b>Gráfico n° 18:</b> | Você sabia que o Art. 205 da Constituição Federal a educação é um direito de todos e dever do Estado e da família?.....                       | 56 |
| <b>Gráfico n° 19:</b> | Você sabia que o Art. 53 do Estatuto da Criança e do Adolescente assegura igualdade de condições para o acesso e permanência na escolar?..... | 57 |
| <b>Gráfico n° 20:</b> | Conhecimento da Lei de Diretrizes e Bases da Educação.....  | 57 |
| <b>Gráfico n° 21:</b> | Conhecimento da EJA.....  | 58 |
| <b>Gráfico n° 22:</b> | Alguma autoridade falou pra você que tinha esses direitos à educação?.....  | 58 |

## RESUMEN

Esta investigación fue llevada a cabo en el Barrio de los conejos, en la ciudad de Recife, estado de Pernambuco, en el mes de marzo de 2018. El objetivo general de la investigación fue analizar el porcentaje de analfabetismo y derecho a la educación en adultos de 25 a 50 años del “Bairro dos Coelhos” en Recife, Pernambuco – Brasil, en el año 2018. La metodología utilizada para alcanzar los objetivos fue la descriptiva con enfoque cuantitativo. Los sujetos participantes de la investigación fueron hombres y mujeres de 25 a 50 años, moradores del Barrio Dos Coelhos. El instrumento utilizado para la recolección de los datos fue el cuestionario cerrado, el cual fue aplicado por el propio investigador a cada sujeto. Los resultados más resaltantes en cuanto a la noción de lectura y escritura indican que el 55% sabe leer "un poco", el 55% no lee en su día a día, el 55% aprendió a leer un poco, el 68% no precisa escribir en su día a día y que el 91% no aprendió a leer ni a escribir. En cuanto a la noción de matemática el 55% expresó utilizar los números en su día a día, el 82% sabe sumar y restar y en cuanto a multiplicación y división el 55% expresó que sabe un poco. En cuanto a la noción de espacio el 77% afirmó identificar la izquierda y la derecha y el 73% afirmó ubicar su lugar de morada en el mapa del Brasil. En cuanto a los derechos a la educación el 64% sabe que la Constitución Federal reconoce la educación como un derecho social así también como un derecho de todos y una obligación del estado y de la familia. El 64% no conoce el estatuto de los niños y adolescentes y que el mismo asegura igualdad de condiciones para el acceso y permanencia en la escuela. El 73% no conoce la Ley de Directrices y Bases y el 82% no conoce acerca de la Educación para Jóvenes y Adultos (EJA). La sugerencia fue que debería haber mayor divulgación acerca de los derechos en cuanto a la educación como también lo relacionado a la oferta que el estado ofrece para la educación de jóvenes y adultos.

**Palabras clave:** analfabeto adulto, educación brasilera, derecho a la educación

## RESUMO

Esta pesquisa foi realizada no Bairro Dos Coolhos, em Recife, no estado de Pernambuco, no mês de março de 2018. O objetivo geral da pesquisa foi analisar a porcentagem de analfabetismo e direito à educação em adultos de 25 a 50 anos do Bairro dos Coelhoos em Recife, Pernambuco – Brasil, no ano 2.018. A metodologia utilizada para alcançar os objetivos foi descritiva com uma abordagem quantitativa. Os sujeitos participantes da pesquisa foram homens e mulheres de 25 a 50 anos, moradores do Bairro dos Coelhoos. O instrumento utilizado para coleta dos dados foi o questionário fechado, aplicado pelo pesquisador a cada sujeito. Os resultados mais marcantes em termos da noção de leitura e escrita indicam que 55% sabem ler "um pouco", 55% não lêem no seu dia a dia, 55% aprenderam a ler um pouco, 68% não precisam escrever no seu dia a dia e que 91% não aprenderam a ler ou a escrever. Em relação à noção de matemática, 55% afirmaram utilizar os números no seu dia a dia, 82% sabem somar e subtrair e, em termos de multiplicação e divisão, 55% afirmaram conhecer um pouco. Em relação à noção de espaço, 77% afirmaram identificar à esquerda e a direita e 73% afirmaram localizar seu local de residência no mapa do Brasil. Em relação aos direitos à educação, 64% sabem que a Constituição Federal reconhece a educação como um direito social, bem como um direito de todos e uma obrigação do Estado e da família. 64% desconhecem a situação de crianças e adolescentes e garantem a igualdade de condições de acesso e permanência na escola. 73% não conhecem a Lei de Diretrizes e Bases e 82% não conhecem Educação para Jovens e Adultos (EJA). A sugestão era que houvesse mais divulgação sobre direitos na educação, bem como o que o estado oferece para a educação de crianças e adultos.

**Palavras-chave:** analfabeto adulto, educação brasileira, direito à educação

## INTRODUÇÃO

A educação, seja ela formal ou não formal, está presente na vida de todos. Através dela os diferentes sujeitos podem se apropriar dos conhecimentos socialmente construídos e intervir no meio em que vivem, além de adquirir maior autonomia para acessar os distintos espaços e instrumentos sociais.

Em termos históricos, a educação como um direito passou a ser reconhecida a partir da formação do Estado de Direito, fruto das revoluções ocorridas no século XVIII.

O direito à educação é reconhecido como um direito social. No âmbito internacional, sua consolidação se deu após a 2ª Guerra Mundial, no processo empreendido pela ONU de proteção e regularização dos direitos humanos.

O interesse inicial por pesquisar sobre os direitos relacionados a analfabetismo e educação, surgiu ao perceber que grande parte da população do Bairro dos Coelhos, em Recife, são operários ou empregados de uma fábrica e nasceu a necessidade de conhecer qual a formação acadêmica dessa população e principalmente se foi cumprido o direito a educação como garantido pela Constituição Federal e pela Lei de Diretrizes e Bases.

Assim surgiram as seguintes perguntas de pesquisa:

1. Qual o porcentagem do analfabetismo adulto em relação à leitura e escrita no Bairro dos Coelhos?
2. Qual o porcentagem do analfabetismo adulto em relação à noção em matemática no Bairro dos Coelhos?
3. Qual o porcentagem do analfabetismo adulto em relação a noção de espaço no Bairro dos Coelhos?

4. Qual o porcentagem em quanto a noção dos direitos a educação dos adultos do Bairro dos Coelhos?

Essas questões acima apresentadas são incluídas, sintetizadas e expressas na seguinte declaração do **problema**: Qual o porcentagem de analfabetismo e direito à educação em adultos de 25 a 50 anos do Bairro dos Coelhos em Recife, Pernambuco – Brasil, no ano 2.018?

Após a revisão exaustiva da literatura, verificou-se que as questões de pesquisa não tinham resposta no contexto em que surgiram, por tanto os objetivos foram elaborados.

O **Objetivo geral** foi: Analisar a porcentagem de analfabetismo e direito à educação em adultos de 25 a 50 anos do Bairro dos Coelhos em Recife, Pernambuco – Brasil, no ano 2.018.

Os **Objetivos específicos** foram:

1. Identificar a porcentagem do analfabetismo adulto em relação à leitura e escrita no Bairro dos Coelhos.
2. Determinar a porcentagem do analfabetismo adulto em relação à noção em matemática no Bairro dos Coelhos.
3. Determinar a porcentagem do analfabetismo adulto em relação à noção de espaço no Bairro dos Coelhos.
4. Descrever a porcentagem em quanto a noção dos direitos a educação dos adultos do Bairro dos Coelhos.

Alguns dos teóricos em que a pesquisa foi apoiada foram Alvarenga, Reguera, Serra, Ventura, (2017), Cervo (2007), Oliveira (2014), Ottoni de Castro (2007), Ribeiro (1997), Santomé (2003).

Os principais documentos legais que apoiaram a pesquisa foram: Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH, 1948), Declaração Mundial sobre Educação para Todos (UNESCO, 1990), a Lei Federal nº 8069/90 dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), Constituição Nacional (1946, 1988), Lei de Diretrizes

e Bases da Educação Nacional (1971, 1996), O Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos (PNEDH)

Para alcançar os objetivos propostos foi escolhido como metodologia o tipo de pesquisa descritivo e o enfoque foi quantitativo. O instrumento para a coleta dos dados foi o questionário fechado.

A tese encontra – se organizada nos seguintes capítulos.

O Capítulo 1 que contém o Marco Teórico. O capítulo 2 trata do Marco Metodológico. Posteriormente no Capítulo 3 são apresentados os resultados da pesquisa, depois as conclusões e as sugestões.

Termina o trabalho com as referências e o anexo.

## **1. MARCO TEÓRICO**

### **1.1 Educação e Direitos Humanos**

Os direitos humanos foram construídos com base na ideia de dignidade da pessoa humana, ou seja, de que todo ser humano, independente de qualquer condição pessoal, deve ser igualmente reconhecido e respeitado, não podendo ser tratado como instrumento, mas sim como fim de toda organização social e política.

No entanto, para se chegar a essa construção, muitas foram as lutas travadas por camponeses, pequenos comerciantes, trabalhadores, mulheres, intelectuais, escravos, homossexuais etc. Da mesma forma, para que tais direitos sejam mantidos e aplicados na prática, e para que novos direitos sejam conquistados, é necessário que continuemos lutando. O reconhecimento internacional dos direitos humanos representou, assim, um passo histórico decisivo. Com esse processo, os direitos foram colocados acima das contingências políticas dos países, fortalecendo a luta contra os regimes autoritários, o imperialismo, o genocídio e a discriminação. A todos devem ser garantidos os direitos humanos, estejam ou não em seu país de origem. (Carreira, Cardieri e Ximenes, 2009, pp. 7 - 8).

Segundo Machado Fernandes e Casari Paludeto (2010) os direitos sociais referem-se ao bem-estar econômico e segurança ao direito de participar, por completo, na herança social, levando uma vida de ser civilizado de acordo com os padrões que prevalecem na sociedade (consumo, lazer, segurança). O sistema educacional e os serviços sociais deverão garantir estes direitos. A educação é um pré-requisito necessário à liberdade civil, pois os direitos civis se destinam a ser utilizados por pessoas inteligentes e de bom senso, que aprenderam a ler e escrever.



### **1.1.1 Um pouco de história**

Na Europa e nos Estados Unidos, segundo Carreira et al (2009) entre o final do século 17 e o século 18, ocorreram muitas transformações estruturais e políticas, que deram origem a uma mudança de mentalidade, fazendo com que as pessoas passassem a se preocupar em garantir a vida e a liberdade sem os abusos e arbitrariedades do Estado.

A Revolução Americana e principalmente a Revolução Francesa contribuíram para o surgimento de uma série de direitos, como por exemplo, o direito à vida, à liberdade de expressão, de pensamento, a garantia de que a lei só proibiria o que fosse prejudicial à sociedade, entre outros.

Nas colônias da América do Sul e da África, por outro lado, os povos passaram a exigir os mesmos direitos proclamados na Declaração de Independência dos Estados Unidos da América (1776) e na Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão (França, 1789). Em muitos casos, aos movimentos de independência somaram-se às lutas contra a escravidão, sendo a resistência dos africanos e de seus descendentes o principal fator que inviabilizou a manutenção do regime escravocrata. A resistência indígena na América Latina também se valeu do ideal dos direitos humanos, sendo atual a luta pelo reconhecimento de sua tradição cultural e pela posse de suas terras originárias. (Carreira et al, 2009, p. 8).

Esses direitos acabaram influenciando as Constituições de diversos países pelo mundo. Os direitos desse período histórico são chamados civis e políticos, denominados de primeira geração.

Com o início da industrialização, a partir do século 19, o desenvolvimento do capitalismo industrial teve como consequência a contratação de grandes massas de pessoas gerando, por um lado, a exploração dos(as) trabalhadores(as) e, por outro, o enriquecimento de pequenos grupos – a burguesia –, iniciando assim uma luta pela reivindicação dos direitos econômicos, sociais e culturais, denominados de segunda geração dos direitos humanos. Tais direitos referem-se ao trabalho e salários dignos, direito à saúde, à educação, à alimentação adequada, à organização sindical, o direito de greve, à previdência social,

acesso à cultura e à moradia, entre outros. Eles tiveram sua grande expressão no início do século 20 com a Revolução Russa e com o início de sua incorporação às constituições nacionais. (Carreira et al, 2009, p. 8).

Em 1948, após os horrores cometidos durante a 2ª Guerra Mundial e outros acontecimentos que marcaram a história da humanidade os países elaboraram um documento com a intenção de estabelecer normas para uma vida pacífica e digna. Esse documento, de alcance mundial, estabelece regras entre as nações e no interior de cada país – a Declaração Universal dos Direitos Humanos. A Declaração incorpora tanto os direitos civis e políticos quanto os direitos econômicos, sociais e culturais.

A proteção de direitos humanos – civis e políticos, econômicos, sociais e culturais – não foram suficientes:

O desrespeito à diversidade cultural entre povos, ao meio ambiente, a devastação, a poluição do ar e da água, o acúmulo de lixo fizeram surgir uma nova categoria de direitos humanos, que visa a proteger não somente a pessoa individual ou socialmente, mas a proteger também os direitos da humanidade, inclusive o das futuras gerações. (Carreira et al, 2009, p. 9).

Vários foram os fatos que marcaram os anos de 1970 e 1980, segundo Machado Fernandes e Casari Paludeto (2010). Em meados de 1985, o movimento pelas “Diretas Já” reuniu diferentes segmentos da sociedade para eleições diretas para presidente da República.

Mesmo não obtendo sucesso, os diferentes grupos, movimentos sociais e comunidades de base conseguiram participar da elaboração da Constituição, por meio das emendas populares, plebiscito e audiências públicas. Logo após a Constituição de 1988, no Brasil, houve em 1989 a ratificação da Convenção de Haia, dos Direitos da Criança e dos Adolescentes e, em 1990, foi aprovado o Estatuto da Criança e do adolescente (ECA) e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB n. 9.394/1996, p. 236)

### **1.1.2 Características dos Direitos Humanos**

Os direitos humanos constituem normas mínimas necessárias para levar uma vida digna. Possuem quatro características que ajudam a entender como devem ser realizados na prática: são universais, interdependentes, indivisíveis e justiciáveis. Mas vamos com calma para entender cada uma dessas palavras.

A primeira característica relaciona – se à universalidade, significa que:

(...) os direitos humanos valem para todo mundo. Nenhuma condição ou situação pode justificar o desrespeito à dignidade humana. Além disso, ninguém pode renunciar a seus direitos. Não importa o país em que a pessoa tenha nascido ou viva, seus direitos são os mesmos. O que pode mudar é a forma como esses direitos são garantidos pelos governos. (Carreira et al, 2009, p. 9).

A segunda característica relaciona – se à indivisibilidade. Significa que “todas as pessoas têm direito a gozar dos direitos em sua totalidade, sem fracionamento ou redução. Mais um exemplo: na educação, não basta apenas garantir vagas (acesso), é preciso que o ensino seja de qualidade e atenda às necessidades e às especificidades dos diferentes grupos.” (Carreira et al, 2009, p. 9).

Já a interdependência é a característica onde:

(...) todos os direitos estão relacionados entre si e nenhum tem mais importância do que outro. Assim, só se pode exercer plenamente um direito se todos os outros são respeitados. Para desfrutar do direito à educação, por exemplo, é necessária a garantia de outros direitos fundamentais, como a alimentação e a saúde. E a saúde está mais protegida se a pessoa tem uma moradia digna, uma alimentação adequada e uma educação de qualidade. Também para votar conscientemente, exercendo um direito político, é preciso ter acesso a uma escola de qualidade. (Carreira et al, 2009, p. 9).

Finalmente a exigibilidade e justiciabilidade:

(...) os direitos podem ser exigidos tanto política quanto juridicamente quando forem desrespeitados ou violados. Como os direitos são previstos

em leis nacionais e também em normas internacionais – como a Declaração Universal dos Direitos Humanos e os Pactos de Direitos Humanos de 1966, entre outros – para exigí-los, pode-se recorrer tanto ao sistema de Justiça nacional como internacional. (Carreira et al, 2009, p. 10).

## **1.2 Educação como Direito Humano**

A educação é um dos direitos humanos. Está reconhecida no artigo 26 da Declaração Universal dos Direitos Humanos:

1. Toda pessoa tem direito à instrução. A instrução será gratuita, pelo menos nos graus elementares e fundamentais. A instrução elementar será obrigatória. A instrução técnico-profissional será acessível a todos, bem como a instrução superior, esta baseada no mérito.
2. A instrução será orientada no sentido do pleno desenvolvimento da personalidade humana e do fortalecimento do respeito pelos direitos humanos e pelas liberdades fundamentais. A instrução promoverá a compreensão, a tolerância e a amizade entre todas as nações e grupos raciais ou religiosos, e coadjuvará as atividades das Nações Unidas em prol da manutenção da paz.
3. Os pais têm prioridade de direito na escolha do gênero de instrução que será ministrada aos seus filhos. (Nações Unidas, 1948 in Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República, 2013, p. 22)

Entendendo que a educação é um direito, as lutas pela educação pública, gratuita, obrigatória e laica ganham espaço no contexto nacional.

Observa-se, a partir do final da década passada e início desta, a expansão do ensino fundamental e a abertura para novas vagas no ensino médio; o Estado começa a focar na educação básica, influenciado pelas exigências das instituições financeiras internacionais, como FMI e Banco Mundial. (Machado Fernandes e Casari Paludeto, 2010, p. 238).

O direito humano à educação reconhecido na Declaração foi transformado em norma jurídica internacional através, principalmente, do Pacto Internacional dos Direitos Econômicos, Sociais e Culturais (art.13 e 14), da Convenção sobre os Direitos

da Criança (art. 28 e 29) e do Protocolo Adicional à Convenção Americana sobre Direitos Humanos em Matéria de Direitos Humanos Econômicos, Sociais e Culturais (art.13).

Tratar a educação como um direito humano significa que não deve depender das condições econômicas e de mercado. O mais importante é conseguir que todas as pessoas possam exercer e estar conscientes de seus direitos. Nesse sentido, o tópico 2 do art. 26 da Declaração é fundamental na definição dos propósitos universais da educação. O direito à educação tem um sentido amplo, não se refere somente à educação escolar. O processo educativo começa com o nascimento e termina apenas no momento da morte da pessoa. A aprendizagem acontece em diversos âmbitos, na família, na comunidade, no trabalho, no grupo de amigos e também na escola. (UNESCO, Carreira et al, 2009, p. 11).

Por outro lado, nas sociedades modernas, o conhecimento escolar é quase uma condição para a sobrevivência e o bem-estar social. Sem ele, não se pode ter acesso ao conhecimento acumulado pela humanidade. Dizemos ainda que a educação é um direito muito especial: um “direito habilitante” ou “direito de síntese”.

E sabe por quê? Porque uma pessoa que passa por um processo educativo pode exigir e exercer melhor todos seus outros direitos. A educação contribui para que crianças, adolescentes, jovens, homens e mulheres saiam da pobreza, seja através de sua inserção no mundo do trabalho, seja por possibilitar a participação política em prol da melhoria das condições de vida de todos. Também contribui para evitar a marginalização das mulheres, a exploração sexual e o trabalho infantil, entre muitos outros exemplos que poderiam ser citados. (Carreira et al, 2009, p. 11).

### **1.3. A Educação nas normas internacionais**

#### **1.3.1 Pacto Internacional sobre Direitos Econômicos, Sociais e Culturais (1966)**

O Pacto Internacional sobre Direitos Econômicos, Sociais e Culturais (1966) declara no Artigo 13 (parcial):

1. Os Estados Signatários do presente Pacto reconhecem o direito de toda pessoa à educação. Concordam que a educação deve ser orientada para o pleno desenvolvimento da personalidade humana e do sentido de sua dignidade, e deve fortalecer o respeito pelos direitos humanos e liberdades fundamentais. Concordam, ainda, que a educação deve capacitar todas as pessoas para participar efetivamente de uma sociedade livre, favorecer a compreensão, a tolerância e a amizade entre todas as nações e entre todos os grupos raciais, étnicos ou religiosos e promover as atividades das Nações Unidas em prol da manutenção da paz. (Nações Unidas, 1992 in Carreira et al, 2009, p. 12).

Já no ponto dois os estados signatários do Pacto Internacional citado acima reconhecem que, com o objetivo de assegurar o pleno exercício desse direito:

a) A educação primária deve ser obrigatória e acessível gratuitamente a todos; b) A educação secundária em suas diferentes formas, inclusive a educação secundária técnica e profissional, deve ser generalizada e tornar-se acessível a todos, por todos os meios apropriados e, principalmente, pela implementação progressiva do ensino gratuito; c) A educação de nível superior deve igualmente tornar-se acessível a todos, com base na capacidade de cada um, por todos os meios apropriados e, principalmente, pela implementação progressiva do ensino gratuito; d) Deve-se fomentar e intensificar, na medida do possível, a educação fundamental para aquelas pessoas que não tenham recebido ou terminado o ciclo completo de instrução primária; e) Deve-se prosseguir ativamente o desenvolvimento do sistema escolar em todos os níveis de ensino, implementar um sistema adequado de bolsas estudo, e aprimorar continuamente as condições materiais do corpo docente. (Nações Unidas, 1992 in Carreira et al, 2009, p. 12).

### **1.3.2. Convenção sobre os Direitos da Criança (1989)**

A Convenção sobre os Direitos da Criança (1989) estabelece no Artigo 29:

1. Os Estados Partes reconhecem que a educação da criança deverá estar orientada no sentido de: a) desenvolver a personalidade, as aptidões e a

capacidade mental e física da criança em todo o seu potencial; b) imbuir na criança o respeito aos direitos humanos e às liberdades fundamentais, bem como aos princípios consagrados na Carta das Nações Unidas; c) imbuir na criança o respeito aos seus pais, à sua própria identidade cultural, ao seu idioma e seus valores, aos valores nacionais do país em que reside, aos do eventual país de origem, e aos das civilizações diferentes da sua; d) preparar a criança para assumir uma vida responsável numa sociedade livre, com espírito de compreensão, paz, tolerância, igualdade de sexos e amizade entre todos os povos, grupos étnicos, nacionais e religiosos e pessoas de origem indígena; e) imbuir na criança o respeito ao meio ambiente. (Convenção sobre os Direitos da Criança, 1989 in Carreira et al, 2009, p. 12).

### **1.3.3 Convenção da UNESCO de 1960 relativa à Luta contra a Discriminação no Campo do Ensino**

A Convenção da UNESCO de 1960 relativa à Luta contra a Discriminação no Campo do Ensino proclama no Artigo 1:

Para os fins da presente Convenção, o termo “discriminação” abarca qualquer distinção, exclusão, limitação ou preferência que, por motivo de raça, cor, sexo, língua, religião, opinião pública ou qualquer outra opinião, origem nacional ou social, condição econômica ou nascimento, tenha por objeto ou efeito destruir ou alterar a igualdade de tratamento em matéria de ensino, e, principalmente: a) privar qualquer pessoa ou grupo de pessoas do acesso aos diversos tipos ou graus de ensino; b) limitar a nível inferior a educação de qualquer pessoa ou grupo; c) sob reserva do disposto no artigo 2 da presente Convenção, instituir ou manter sistemas ou estabelecimentos de ensino separados para pessoas ou grupos de pessoas; ou d) de impor a qualquer pessoa ou grupo de pessoas condições incompatíveis com a dignidade do homem. (UNESCO, 1960 in Carreira et al, 2009, p. 16).

No seu Artigo 3, elenca os compromissos dos Estados-partes com a eliminação e a prevenção de toda forma de discriminação no ensino: Artigo 3

A fim de eliminar e prevenir qualquer discriminação no sentido da palavra na presente Convenção, os Estados-partes comprometem-se a: a) Abolir todas as disposições legislativas e administrativas e abandonar todas as práticas administrativas que envolvam discriminações no domínio do ensino; b) Adotar as medidas necessárias, inclusive disposições legislativas, para que não haja qualquer discriminação na admissão de alunos nos estabelecimentos de ensino; c) Não permitir, no que respeita às propinas, à concessão de bolsas ou qualquer outra forma de ajuda aos alunos, nem na concessão de autorizações e facilidades que possam ser necessárias para a continuação dos estudos no estrangeiro, qualquer diferença de tratamento pelo poder público, salvo as que são fundamentadas no mérito ou nas necessidades; d) Não permitir na ajuda eventualmente concedida, sob qualquer forma, pelos poderes públicos aos estabelecimentos de ensino, qualquer preferência nem restrição fundamentada unicamente pelo fato de os alunos pertencerem a um determinado grupo; e) Conceder aos súditos estrangeiros residentes no seu território o acesso ao ensino nas mesmas condições que os seus próprios nacionais. (UNESCO, 1960 in Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República, 2013, p. 23).

No Artigo 4 a UNESCO (1960) proclama o seguinte:

Os Estados-partes na presente Convenção comprometem-se ainda a formular, desenvolver e aplicar uma política nacional, visando à promoção, pelos métodos adequados às circunstâncias e práticas nacionais, da igualdade de possibilidades e de tratamento no domínio do ensino e, em especial, a: a) Tornar gratuito e obrigatório o ensino primário; generalizar e tornar acessível a todos o ensino secundário nas suas diversas formas; tornar acessível a todos, em condições de igualdade total e segundo a capacidade de cada um, o ensino superior, e assegurar o cumprimento por todos da obrigação escolar prescrita pela lei; b) Assegurar em todos os estabelecimentos públicos do mesmo grau um ensino do mesmo nível e condições equivalentes no que se refere à



qualidade do ensino proporcionado; c) Fomentar e intensificar, por métodos adequados, a educação das pessoas que não tenham recebido instrução primária ou que não a tenham recebido na sua totalidade e permitir que continuem os seus estudos em função das suas aptidões; d) Assegurar, sem discriminação, a preparação para a profissão docente (UNESCO, 1960 in Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República, 2013, p. 23).

## **1.4. A educação nas normas do Brasil**

### **1.4.1 A constituição Federal**

A Constituição Federal de 1988 reconhece a educação como um direito social:

Art. 6º: São direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição (Brasil, 1988 in Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República, 2013, p. 31).

Em seu artigo 205, temos a educação enquanto um direito e um dever não só do Estado, mas também da família:

Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (Brasil, 1988 in Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República, 2013, p. 32).

São princípios da Educação:

Art. 206. O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios:

- I – igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;
- II – liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar o pensamento, a arte e o saber;
- III – pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas, e coexistência de instituições públicas e privadas de ensino;
- IV – gratuidade do ensino público em estabelecimentos oficiais;

V – valorização dos profissionais da educação escolar, garantidos, na forma da lei, planos de carreira, com ingresso exclusivamente por concurso público de provas e títulos, aos das redes públicas;

VI – gestão democrática do ensino público, na forma da lei;

VII – garantia de padrão de qualidade.

VIII – piso salarial profissional nacional para os profissionais da educação escolar pública, nos termos de lei federal.

Parágrafo único. A lei disporá sobre as categorias de trabalhadores considerados profissionais da educação básica e sobre a fixação de prazo para a elaboração ou adequação de seus planos de carreira, no âmbito da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios (Brasil, 1988 in Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República, 2013, p. 32).

#### **1.4.2 O Estatuto da Criança e do Adolescente**

A Lei Federal nº 8069/90 dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) com o objetivo de proteger integralmente crianças e adolescentes, reafirma o direito à educação e cria mecanismos de proteção a esse direito. São esses os principais artigos relacionados ao direito à educação:

Art. 53. A criança e o adolescente têm direito à educação, visando ao pleno desenvolvimento de sua pessoa, preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho, assegurando-se-lhes:

I – igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;

II – direito de ser respeitado por seus educadores;

III – direito de contestar critérios avaliativos, podendo recorrer às instâncias escolares superiores;

IV – direito de organização e participação em entidades estudantis;

V – acesso à escola pública e gratuita próxima de sua residência.

Parágrafo único. É direito dos pais ou responsáveis ter ciência do processo pedagógico, bem como participar da definição das propostas educacionais. (Lei Federal nº 8069/90 in Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República, 2013, p. 33).

Em relação ao Art. 54. é dever do Estado assegurar à criança e ao adolescente:

- I – ensino fundamental, obrigatório e gratuito, inclusive para os que a ele não tiveram acesso na idade própria;
- II – progressiva extensão da obrigatoriedade e gratuidade ao ensino médio;
- III – atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino;
- IV – atendimento em creche e pré-escola às crianças de zero a seis anos de idade;
- V – acesso aos níveis mais elevados do ensino, da pesquisa e da criação artística, segundo a capacidade de cada um;
- VI – oferta de ensino noturno regular, adequado às condições do adolescente trabalhador;
- VII – atendimento no ensino fundamental, através de programas suplementares, de material didático-escolar, transporte, alimentação e assistência à saúde.

§ 1º O acesso ao ensino obrigatório e gratuito é direito público subjetivo.

§ 2º O não oferecimento do ensino obrigatório pelo poder público ou sua oferta irregular importa responsabilidade da autoridade competente.

§ 3º Compete ao poder público recensear os educandos no ensino fundamental, fazer-lhes a chamada e zelar, junto aos pais ou responsável, pela frequência à escola. (Lei Federal nº 8069/90 in Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República, 2013, p. 33).

#### **1.4.3 A Lei de Diretrizes e Bases da Educação**

A Lei Federal nº 9.394/96, Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), é considerada a lei orgânica da educação. Sancionada em 1996, a LDB define as diretrizes para o sistema educacional. Em seu artigo 1º, temos a definição de educação:

Art. 1º A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais.

§ 1º Esta Lei disciplina a educação escolar, que se desenvolve, predominantemente, por meio do ensino, em instituições próprias.

§ 2º A educação escolar deverá vincular-se ao mundo do trabalho e à prática social. (Brasil, 1996 in Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República, 2013, p. 34).

Em seu artigo 5º, afirma o direito à educação como direito subjetivo:

Art. 5º O acesso à educação básica obrigatória é direito público subjetivo, podendo qualquer cidadão, grupo de cidadãos, associação comunitária, organização sindical, entidade de classe ou outra legalmente constituída e, ainda, o Ministério Público, acionar o poder público para exigi-lo.

§ 1º O poder público, na esfera de sua competência federativa, deverá:

I – recensear anualmente as crianças e adolescentes em idade escolar, bem como os jovens e adultos que não concluíram a educação básica;

II – fazer-lhes a chamada pública;

III – zelar, junto aos pais ou responsáveis, pela frequência à escola.

§ 2º Em todas as esferas administrativas, o Poder Público assegurará em primeiro lugar o acesso ao ensino obrigatório, nos termos deste artigo, contemplando em seguida os demais níveis e modalidades de ensino, conforme as prioridades constitucionais e legais.

§ 3º Qualquer das partes mencionadas no caput deste artigo tem legitimidade para peticionar no Poder Judiciário, na hipótese do § 2º do art. 208 da Constituição Federal, sendo gratuita e de rito sumário a ação judicial correspondente.

§ 4º Comprovada a negligência da autoridade competente para garantir o oferecimento do ensino obrigatório, poderá ela ser imputada por crime de responsabilidade.

§ 5º Para garantir o cumprimento da obrigatoriedade de ensino, o Poder Público criará formas alternativas de acesso aos diferentes níveis de ensino, independentemente da escolarização anterior. (Brasil, 1996 in Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República, 2013, p. 34)

A Lei trata ainda da organização do sistema de educação (artigo 8º ao 20), das modalidades e níveis de educação e ensino (artigo 21 ao 60), dos profissionais da área e da sua formação (artigo 61 ao 67) e dos recursos destinados a educação (artigo 68 ao 77). Destaca-se a educação dos povos indígenas (artigos 78 e 79), a inclusão no calendário escolar do Dia Nacional da Consciência Negra (79b) e o incentivo ao ensino na modalidade a distância (artigo 80).

### **1.5 A educação no Brasil**

O direito à Educação integra o conjunto dos direitos sociais. Estes, por sua vez, constituem uma das diferentes gerações ou dimensões dos direitos fundamentais da pessoa humana.

Grande parte do Brasil encontra – se em dívida com a educação. Assim segundo o que afirma Ravello Ferraro (2008):

Falar em dívida educacional pública significa duas coisas: primeiro, que a Educação se transformou num serviço público; segundo, que o Estado deixou de assegurar a determinadas pessoas ou grupos de pessoas o serviço público chamado Educação. É a conjunção dessas duas condições — a Educação entendida como serviço público e a não universalização ainda desse serviço — que coloca o Estado na condição de devedor e o cidadão na de credor de escolarização. Por escolarização, se deve entender não só o acesso, mas também a continuidade bem-sucedida na escola. (p. 275).

O Brasil, como signatário dos tratados internacionais, está obrigado a respeitar, proteger e promover os direitos humanos. Vejamos no caso da educação como cada uma dessas obrigações deve acontecer na prática.

São três os deveres do Estado: o dever de respeitar, o dever de proteger e o dever de promover.

O **dever de respeitar** significa que o Estado não pode criar obstáculos ou impedir o exercício do direito humano à educação. Isto implica obrigações de abstenção, pois trata daquilo que os Estados não deveriam fazer: por exemplo, impedir que as pessoas se eduquem, que organizem

curios livres em suas comunidades ou pela internet, ou que abram escolas, desde que respeitem as condições estabelecidas nas normas sobre o tema.

O dever de proteger relaciona – se ao direito do Estado a proteger a pessoas de outras pessoas ou grupos com intenções de impedir o direito à educação:

O **dever de proteger** exige que o Estado atue (obrigação ativa). É necessário tomar medidas para evitar que terceiros (pessoas, grupos ou empresas, por exemplo) impeçam o exercício do direito à educação. Por exemplo, no Brasil, o ensino é obrigatório entre 6 e 14 anos; nem mesmos pais, mães ou responsáveis de uma criança podem impedir seu acesso à escola, cabendo ao Estado atuar na proteção da criança, garantindo-lhe o acesso à escola. (Carreira et al, 2009, p. 16).

O dever de promover refere – se às ações que o Estado esta obrigado fazer pra facilitar o encaminhamento da educação.

O **dever de promover** é outra obrigação ativa. Refere-se às ações públicas que devem ser adotadas pelo Estado para a realização e o exercício pleno dos direitos humanos, como por exemplo, a construção de escolas e a contratação de professores. São as leis que definem como deve ser a educação e o ensino no país, as políticas públicas que concretizam o direito à educação, o investimento em educação e nas escolas, etc. (Carreira et al, 2009, p. 16).

Tratar das razões das deficiências da educação brasileira significa insistir em questões muitas vezes evidentes, tradicionalmente reconhecidas pelos especialistas e até mesmo integrantes do senso comum. Desse modo, não se pretende aqui apresentar teses sobre a matéria, nem esgotar o assunto, mas discorrer sobre algumas das barreiras que dificultam a melhoria da qualidade do ensino identificando eventuais falhas da legislação educacional, particularmente das normas dispostas na LDB. (Ottoni de Castro, 2007).

Segundo Sacristán (2000), a escolarização massiva tem sido um ideal perseguido pelas sociedades modernas, sendo condição para o progresso material e espiritual dos indivíduos e da sociedade. Para este autor, nas sociedades ou países onde ainda não é uma realidade, busca-se alcançá-la; onde já se alcançou, busca-se melhorá-la e prolongá-la por mais tempo. (Santomé, 2003, p. 27).

Assim, seja pela lógica da qualificação do capital humano, necessário a produtividade econômica, seja pela via do saber como redentor das massas oprimidas, necessário a sua libertação, a escolarização se configura como uma ferramenta potente. (Santomé, 2003, p. 27).

No último caso, em especial, é condição essencial para a transformação social e para a garantia de uma realidade humanamente mais justa e digna para todos. O século XX foi responsável por uma gama de transformações nas sociedades, advindas das relações de produção e reprodução social. (Santomé, 2003, p. 27).

Nesse cenário, a educação aponta como propulsora do progresso técnico e indispensável ao desenvolvimento econômico, através da formação de recursos humanos e consumidores dentro dos padrões de exigência do modelo industrial adotado e de suas constantes transformações. (Santomé, 2003, p. 27).

Santomé (2003) ao discorrer sobre a importância vital da instituição escolar no desenvolvimento econômico das nações e na construção dos mercados transnacionais coloca que: Essa visão do sistema educacional acentua-se mais em momentos de crise ou de reestruturação dos mercados de produção, de distribuição e do consumo de bens.

Nesses momentos, os discursos oficiais e as linhas de trabalho dos governos e das administrações educativas, bem como os que provêm dos centros de poder econômico, quase sempre também passam a ocupar-se das funções mais urgentes que as instituições escolares devem desempenhar, isto é, a estrutura do sistema escolar e dos conteúdos a serem trabalhados nas salas de aula (Santomé, 2003, p. 27).

Investir na universalização da educação e num ensino eficiente passava a ser palavra de ordem e tem sido defendido pela ação político-institucional das organizações multilaterais como primordial, sendo colocada como meta para os países em desenvolvimento.

Sendo assim, no Brasil, a busca da universalização do ensino obrigatório tem fomentado, nas últimas décadas, algumas políticas educacionais no sentido de garantir a democratização e o direito constitucional à “educação pública e com qualidade para todos”. Quanto à universalização, os resultados têm apontado uma taxa de atendimento escolar que chega, segundo o Censo Demográfico de 2010, a 96,9% do total de crianças de 7 a 14 anos, o que significa quase a totalidade do atendimento.

Os índices referentes à qualidade do ensino, no entanto, destoam dos da universalização, sejam nos resultados dos sistemas avaliativos nacionais, sejam dos internacionais.

A Pesquisa Nacional de Amostragem Domiciliar (PNAD), em 2009, apontou que apenas 63,4% dos jovens concluem o ensino fundamental, o que significa que a dita universalização tem se revelado apenas no acesso e não na permanência nem num aprendizado de qualidade.

Os indicadores sociais negativos têm mantido o Brasil, há décadas, numa posição desconfortável frente àqueles considerados como modelos de desenvolvimento.

E, juntamente, com vários outros países de situação semelhante, vem sendo pressionado a adequar seu sistema político às regras estabelecidas pelo sistema econômico vigente.

Nessa lógica implementou um pacote de reformas, dentre as quais a reforma educacional que começa a ser implantada desde os anos 1990. Nesta, destaca-se a focalização no ensino fundamental visando a sua universalização e melhoria pelas vias da descentralização e do financiamento.

Feitas tais considerações em torno da educação obrigatória no contexto brasileiro, analisaremos mais detidamente o direito a educação considerado público e subjetivo para todos os cidadãos do Brasil.

Para garantir o direito à educação, em sintonia com diretrizes nacionais, os desafios são a melhoria do acesso, permanência e aprendizagem com qualidade, em todos os níveis, etapas e modalidades; a universalização da educação básica, de quatro a 17 anos, até 2016; a gestão democrática nos sistemas de educação e nas instituições educativas; reconhecimento e respeito à diversidade por meio da promoção de uma



educação antirracista e antissexista; a valorização dos profissionais da educação pública e privada (professores(as), técnicos(as), funcionários(as) administrativos(as) e de apoio), por meio de políticas de formação inicial e continuada, planos de carreira e salário e melhoria das condições de trabalho. (Chagas Fernandes, 2.013)

### **1.6. Acesso à Educação no Brasil**

Não restam dúvidas de que desde a aprovação da LDB, houve crescimento das oportunidades de acesso à educação. Dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), da Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), comparando a situação educacional da população brasileira entre 1995 e 2005 revelam os avanços obtidos. (Ottoni de Castro, 2007, p. 9).

A taxa de analfabetismo das pessoas de quinze anos ou mais de idade caiu de 15,6% para 10,9% no período. Já a de analfabetismo funcional diminuiu de 34,2% para 23,2%. Essas reduções foram razoavelmente uniformes em termos regionais.

Entretanto, tenderam a ser mais lentas nas regiões menos desenvolvidas, exatamente aquelas em que as taxas eram mais altas, o que revela a persistência das desigualdades regionais no que diz respeito ao combate ao analfabetismo. (Ottoni de Castro, 2007, p. 9).

A redução do analfabetismo decorre do crescimento do contingente de pessoas que frequenta a escola como afirma Ottoni de Castro (2007):

Apesar de, conforme dados das respectivas Pnads, o total da população brasileira matriculada em algum tipo de estabelecimento de ensino ter crescido de 29,2%, em 1995, para apenas 31,2%, em 2005, houve, no mesmo período, aumento da frequência escolar em todas as faixas etárias, com destaque para três grupos: de zero a seis anos (de 27,5% para 40,8%), de quinze a dezessete anos (de 66,6% para 82,0% e de 25 anos e mais (de 2,5% para 5,7%). (p. 9).

Na educação infantil, o aumento do atendimento foi mais significativo nas creches:

(...) o Censo Escolar de 1997 identificou apenas 348 mil crianças nesses estabelecimentos, enquanto o de 2006 apontava a existência de 1,4 milhões de matrículas – crescimento de 310%. Muitas creches, todavia, ainda permanecem funcionando na informalidade, fora da supervisão dos sistemas de ensino, o que mascara a exatidão desse crescimento. Na educação pré-escolar, que já tinha, dez anos atrás, cobertura bem mais ampla, a elevação de matrículas foi de 30,2% – de 4,3 milhões, em 1997, para 5,6 milhões, em 2006. (Ottoni de Castro, 2007, p. 9):

As mudanças nas matrículas na pré-escola ficaram mascaradas, de todo modo, pela existência, há dez anos, das classes de alfabetização, a meio caminho entre a pré-escola e o ensino fundamental, bem como pelo início da incorporação, em alguns sistemas de ensino, do último ano da pré-escola ao ensino fundamental, o que deverá ser generalizado em decorrência da Lei nº 11.274, de 6 de fevereiro de 2006, que alterou a LDB para estender, até 2010, o ensino obrigatório para nove anos de duração, com início aos seis anos de idade. (Ottoni de Castro, 2007, p. 10).

No ensino fundamental, entre 1997 e 2006, as matrículas, concentradas no setor público, diminuíram de 34,2 milhões para 33,3 milhões, em razão das quedas nas taxas de natalidade nos anos anteriores. Todavia, a taxa bruta de frequência escolar cresceu de 90,2% para 97,4%, entre 1995 e 2005. Houve avanços, ainda, nas taxas líquidas de matrículas entre esses anos – de 85,4% para 94,4% –, indicando melhorias no fluxo escolar. (Ottoni de Castro, 2007).

Não se deveria, de todo modo, falar em universalização do ensino fundamental, ou, mais propriamente, de seu acesso. Ainda que o País tenha condições de oferecer vagas para todas as suas crianças na faixa escolar pertinente, encontravam-se fora da escola, em 2005, apenas na faixa de sete a catorze anos, cerca de 1,5 milhão de crianças e jovens. (Ottoni de Castro, 2007).

No ensino médio, as matrículas, também predominantemente localizadas em escolas públicas, subiram de 6,4 milhões, em 1997, para 8,9 milhões, em 2006 (após atingir 9,2 milhões, em 2004), representando crescimento de 39%. Entre 1995 e 2005, a taxa líquida de frequência no ensino médio (jovens de quinze a dezessete anos) elevou-se de 22,1% para 45,3%.<sup>5</sup> (Ottoni de Castro, 2007, p. 10).

O aumento do contingente de egressos do nível médio fez crescer, naturalmente, a demanda pelo acesso à educação superior.<sup>6</sup> Nos cursos de graduação, as matrículas aumentaram, entre 1997 e 2005, 129% – de 1,9 milhões para 4,5 milhões.

É interessante observar que, nas regiões Norte, Centro-Oeste e Nordeste, o aumento de matrículas superou a média nacional, com os registros de crescimento de, respectivamente, 235%, 172% e 155%. O crescimento de matrículas no País, bem como em todas as regiões, concentrou-se no setor privado, que se expandiu com base em cursos de baixo custo, pouco voltados para a área tecnológica e praticamente dissociados de qualquer atividade de pesquisa.

Se, em 1997, os estabelecimentos particulares eram responsáveis por 61% das matrículas de graduação do País, em 2005, respondiam por 73,2% delas. Especificamente na rede federal, as matrículas cresceram 46,4%, elevando-se de cerca de 396 mil estudantes para quase 580 mil. Entretanto, a participação dos alunos de graduação das instituições federais de educação superior no total de matrículas caiu de 20,3% para 13%. (Ottoni de Castro, 2007, p. 11).

O total de estabelecimentos de educação superior cresceu de 900 para 2.165 (aumento de 140,5%). A expansão também foi maior no segmento privado: 180,7% – de 689 estabelecimentos para 1.934. Essa expansão é evidenciada ainda mais pelo crescimento do número de cursos: eram 6.132, em 1997, e 20.407, em 2005 – aumento de 232,8%. Também aqui a predominância é do setor privado, com crescimento de 314% – de 3.434 cursos para 14.216. (Ottoni de Castro, 2007, p. 12).

O aumento da demanda pela educação superior pode ser percebido, igualmente, pelo número de vagas oferecidas e de ingressos nos cursos de graduação. Entre 1997 e 2005, o total de vagas oferecidas cresceu 248,4%, e o de ingressos, 143,5%.

No setor privado, esses índices atingiram 320% e 182,8%, respectivamente; na rede federal, foram, respectivamente, de 43,5% e de 45,1%. Entretanto, 22,4% das vagas oferecidas pelos estabelecimentos particulares não foram preenchidas – contra 6,2% do setor público –, indicando elevado índice de ociosidade nesses estabelecimentos, resultado, sem dúvida, das dificuldades de considerável parte dos estudantes de arcar com os custos das anuidades e, provavelmente, de desequilíbrio

entre as demandas dos estudantes e os cursos oferecidos. (Ottoni de Castro, 2007, p. 12).

### **1.7. Analfabetismo no Brasil**

O analfabetismo nem sempre foi considerado um fator importante para a definição da sociedade, uma chaga a ser combatido para se tornar possível o desenvolvimento socioeconômico, tanto na sociedade brasileira quanto nos demais países, portanto o analfabetismo não era visto com pré-conceitos ou interferia na qualidade de vida dos indivíduos.

Não possuir habilidades de leitura e escrita era normal até para a alta sociedade. Entender o que significa ser analfabeto e qual o seu status dentro da sociedade e como sua condição foi moldada através da história da educação se faz importante e necessária para que seja possível realizar uma análise crítica e com sabedoria sobre a situação atual a qual nos deparamos, como oitavo país com maior número absoluto de analfabetos.

Analfabetismo é uma palavra utilizada no português corrente para designar a condição daqueles que não sabem ler e escrever; já seu antônimo afirmativo, alfabetismo, mesmo já tendo sido dicionarizado, ainda soa estranho aos falantes do idioma. Comentando essa curiosidade semântica. (Ribeiro, 1997, p. 2)

Soares (1995) observa que o mesmo fato já ocorrera com o termo literacy, do inglês, que só passou a ser correntemente utilizado no final do século XIX, mais de dois séculos depois do surgimento do termo illiteracy, talvez porque a necessidade de compreender a condição dos que sabem ler e escrever tenha aparecido mais tardiamente na História, quando se tornaram mais complexas e variadas as demandas sociais relacionadas ao uso da linguagem escrita. Neste trabalho o termo alfabetismo é utilizado com o mesmo sentido de literacy, designando a condição de pessoas ou grupos que não apenas sabem ler e escrever, mas que, também, como propõe Soares, utilizam a leitura e a escrita, incorporam-na em seu viver, transformando por isso sua condição. (Ribeiro, 1997, p. 2)

O termo alfabetismo funcional foi cunhado nos Estados Unidos na década de 1930 e utilizado pelo exército norte-americano durante a Segunda Guerra, indicando a

capacidade de entender instruções escritas necessárias para a realização de tarefas militares (Castell, Luke & MacLennan,1986, in Ribeiro, 1997, p. 2)

A partir de então, o termo passou a ser utilizado para designar a capacidade de utilizar a leitura e a escrita para fins pragmáticos, em contextos cotidianos, domésticos ou de trabalho, muitas vezes colocado em contraposição a uma concepção mais tradicional e acadêmica, fortemente referida a práticas de leitura com fins estéticos e à erudição.

Em alguns casos, o termo analfabetismo funcional foi utilizado também para designar um meio termo entre o analfabetismo absoluto e o domínio pleno e versátil da leitura e da escrita, ou um nível de habilidades restrito às tarefas mais rudimentares referentes à “sobrevivência” nas sociedades industriais. (Ribeiro, 1997, p. 2)

Há ainda um conjunto de fenômenos relacionados que podem ser associados ao termo analfabetismo funcional, por exemplo, o analfabetismo por regressão, que caracterizaria grupos que, tendo alguma vez aprendido a ler e escrever, devido ao não uso dessas habilidades, retornam à condição de analfabetos.

Especialmente na França, o termo iletrisme foi utilizado para caracterizar populações que, apesar de terem realizado as aprendizagens correspondentes, não integram tais habilidades aos seus hábitos, ou seja, em sua vida diária não lêem nem escrevem, independentemente do fato de serem capazes de fazê-lo ou não. (Ribeiro, 1997, p. 2)

Assim, é necessário registrar, de imediato, que o termo “alfabetismo” é utilizado, para fins deste estudo, com o mesmo sentido do termo inglês literacy<sup>2</sup>, o qual, como propõe Soares (1998), designa a condição de pessoas ou grupos que não apenas sabem ler e escrever, mas também utilizam a leitura e a escrita, transformando sua condição de vida pela incorporação desses comportamentos em seu viver diário, isto é, a condição de ser letrado.

Já “analfabetismo” é uma palavra utilizada no português corrente para designar a condição daquele que não sabe ler e escrever. Frago (1993, p.16) afirma que analfabetismo é “conseqüência da ausência de um processo de alfabetização”. Ana Maria Freire (1993, p.18), ao discutir analfabetismo, assevera que essa condição “não é uma escolha nem se soluciona por decretos ou leis, porque vem sendo o resultado das

múltiplas e infinitas transas dialéticas das pessoas, enquanto posicionadas nas classes sociais”. (Balem, s/d).

Estudar circunstanciadamente o alfabetismo e o analfabetismo, assim, requer que estendamos, aqui, discussões a respeito da terminologia de que se vale esse campo de estudo, conteúdo das próximas seções. (Balem, s/d).

A alfabetização é um tema complexo, no qual se definem posições ideológicas, econômicas e sociais, e, apesar de o termo começar a adquirir novos usos e a invadir novos campos, tais como “alfabetização tecnológica, computacional, científica”, entre outros, a ambigüidade principal continua sendo sua própria conceituação (Torres 1995), ou seja, o entendimento do que efetivamente signifique alfabetização. Objetivando elucidar meu entendimento acerca do que seja “alfabetização”, passo a registrar e discutir uma série de posicionamentos teóricos. (Balem, s/d).

É preciso considerar, no entanto, que, pelas mais diversas razões, a alfabetização foi e continua sendo concebida como um requisito, um direito, uma necessidade, sobretudo a partir da segunda metade do século XX.

Para alguns autores, o conceito abarca somente leitura e escrita, porém há considerações de que tal conceito envolve habilidades como escrever, ler, ouvir, falar, compreender o domínio da matemática, ou mesmo outras linguagens, quer sejam verbais, visuais, gestuais, dentre outras.

Essa discussão precisa contemplar, ainda, o sujeito que é alfabetizado, o conteúdo do processo de alfabetização e a metodologia que o caracteriza, procedendo a uma análise que considere a cultura escrita<sup>4</sup>. Mesmo entre alfabetizadores, não há um consenso sobre a questão, já que alguns supõem que alfabetizar seja copiar e decodificar palavras, enquanto que, para outros, a alfabetização é um exercício pleno da leitura e da produção textual. (Balem, s/d).

## **1.8. O conceito de analfabetismo nas políticas públicas**

Segundo Braga (2014) sintetizar o conceito de analfabetismo é fundamental para compreender como este fenômeno é entendido pelas políticas públicas e pelos teóricos, sua construção e modificação ao longo do tempo. Ao consultar fontes diversas de informação, como dicionários, artigos e livros, sobre o conceito de analfabetismo nas

políticas públicas, foi possível perceber que não há uma definição única sobre a pessoa analfabeta, embora exista uma demarcação formal que distingue a pessoa analfabeta da alfabetizada, pois são consideradas como alfabetizadas todas as pessoas que sabem ler e escrever um bilhete simples.

As definições de analfabeto sofreram algumas modificações ao longo do tempo e, conseqüentemente, surgiram novas denominações, como analfabeto funcional e iletrado/pouco letrado.

Pensando no sujeito analfabeto, todavia, sabemos o que é ser analfabeto, sobretudo na sociedade em que vivemos e quais conseqüências a condição de analfabeto traz para a pessoa em seu convívio social e econômico. (Braga, 2014).

Segundo Braga (2014 ) quem não souber ler nem escrever, não pode reter nem compreender nem explicar o que viu e ouviu diferente dos seus hábitos ordinários, das suas idéias entranhadas, do que lhe contam os ouvidos todos os dias os seus pais, cheias de alusões e credices e mergulhados na mais negra escuridão.

(...) esse fantástico inimigo que embrute a alma, compromete a saúde, nulifica a espécie, avilta os ideais, enfraquece o país, retardando as indústrias, desprezando os campos, incendiando as florestas e mais ainda que isso, embotando o sentimento patriótico. Esse inimigo cruel que não se vê mas que está de posse de setenta por cento da nossa população, há quatrocentos anos, é uma palavra só, o analfabetismo! (Braga, 2014, p. 201).

Ao procurarmos a significação do termo analfabeto, nos deparamos com uma divergência em relação à definição advinda de análise e reflexão através da história e cultura e o senso comum presente no dicionário, lembrando que o dicionário é o sentido das palavras usadas no momento atual, temos em diversos glossários de tempos distintos o analfabetismo representado como falta absoluta de instrução, e o analfabeto como aquele que não sabe ler e escrever, uma pessoa ignorante. Verificamos, como fator marcante, a caracterização da pessoa analfabeta como “absolutamente ou muito ignorante”.

Em contraponto, temos a definição de Pinto, para quem “o analfabeto não é um ignorante, não é um inculto, mas apenas o portador de formas

préletradas de cultura” (2007, p. 10). O saber produzido pela sociedade está relacionado aos seus interesses e estes interesses se modificam continuamente; não há pessoas incultas, deste modo, não podemos afirmar que o analfabeto é desprovido de cultura. (Braga, 2014, p. 254).

O adulto analfabeto é em verdade um homem culto, no sentido objetivo (não idealista) do conceito de cultura, posto que, se não fosse assim, não poderia sobreviver. Sua instrução formal (alfabetização, escolarização) tem que se fazer sempre partindo da base cultural que possui e que reflita o estado de desconhecimento (material e cultural) da sociedade a qual pertence.

Aquilo que desconhece é o que até agora não teve necessidade de aprender. Se tem podido viver até agora como analfabeto é porque as condições de sua sociedade não exigiam dele o conhecimento da leitura e da escrita.

O mesmo autor Pinto (2007), explica que há visão errônea de que o adulto analfabeto se impôs essa condição, como se fosse resultado de escolha própria a situação de ser analfabeto, sendo taxado de culpado e assumindo muitas vezes um sentimento de vergonha e ocultação dessa condição. (Braga, 2014).

Retomando o conceito de analfabeto como pessoa que não necessita ler, Pinto (2007), nos mostra ser de fundamental relevância partir da situação real do analfabeto como ser humano, e não apenas como fato sociológico. “O analfabeto, em sua essência, não é aquele que não sabe ler, mas sim aquele que, por suas condições concretas de existência, não necessita ler. (...) dada sua condição de vida” (p. 63). O autor ainda acrescenta a relação entre o analfabetismo e o trabalho: “pode-se dizer que é o trabalho que alfabetiza ou analfabetiza o homem, segundo exija dele o conhecimento das letras, ou seja de tal espécie que o dispense de conhecê-las” (p. 63 in Braga, 2014, p. 278).

O adulto se torna analfabeto porque as condições materiais de sua existência lhe permitem sobreviver dessa forma com um mínimo de conhecimentos, o mínimo aprendido pela aprendizagem oral, que se identifica com a própria convivência social.

Constata - se no livro de Galvão & Pierro, uma série de características atribuídas ao analfabeto:



(...) incapaz, incompleto, dependente, perdido, manobrado, cego, coitado, sofredor, despreparado, desumanizado, isolado, alienado, massa amorfa, aquém da sociedade, desinformado, fome, pobreza, classe dominada, exclusão, segregação, sem acesso aos direitos, discriminação, Brasil, preconceito (...). O analfabetismo não é percebido como expressão de processos de exclusão social ou como violação de direitos coletivos, e sim como uma experiência individual de desvio ou fracasso, que provoca repetidas situações de discriminação e humilhação (...) (Galvão & Pierro, 2007, p. 9-15 in Braga, 2014, p. 289).

A UNESCO importante órgão de influência e decisões no âmbito educacional global, como acima descrito que tem contribuído para consolidar e disseminar as definições de analfabeto / analfabetismo, nas últimas décadas modificou esta definição por conta das transformações sociais, econômicas e tecnológicas que ocorreram.

Assim em 1958, para a UNESCO, ser alfabetizado consistia na capacidade de leitura e escrita de um pequeno bilhete, relacionado com sua vida cotidiana, palavras e termos utilizados diariamente por essas pessoas, conceito este utilizado nas pesquisas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE.

Já em 1978, a UNESCO sentiu a necessidade de uma alteração neste termo, já que mudanças sociais e econômicas exigiam mais das habilidades de leitura e escrita das pessoas, portanto, foi proposta a adoção dos termos analfabetismo e analfabetismo funcional; onde “é considerada alfabetizada funcional a pessoa capaz de utilizar a leitura e escrita para fazer frente às demandas de seu contexto social e usar essas habilidades para continuar aprendendo e se desenvolvendo ao longo da vida” (INAF, 2001, p.13).

Em torno dos anos 90, a UNESCO recomendou ao IBGE a inserção da pesquisa de analfabetismo funcional nos censos, tendo o Instituto definido como analfabeto funcional, ao invés da auto avaliação, o grau escolar da pessoa, sendo considerados analfabetos funcionais aqueles com menos de 4 anos de escolaridade formal.

Não obstante a UNESCO (2014) apontar o nível de escolaridade como o fator mais importante para prever as habilidades de leitura e escrita, considera os fatores externos, econômicos e sociais uma forte influência no desenvolvimento das aptidões

individuais, tanto evolutiva quanto regressivamente, tendo em vista a inconstância do uso da leitura e escrita, fazendo com que essas habilidades sejam perdidas (p.84).

Presente nos novos conceitos de analfabeto, o termo analfabetismo funcional é um ponto importante que caracteriza a necessidade de alfabetização na sociedade atual; que requer mais do que apenas os conhecimentos elementares da escrita. Em seu sentido estrito a que se destinou, significa a “capacidade de utilizar a leitura e a escrita para fins pragmáticos, em contextos cotidianos, domésticos ou de trabalho” (Ribeiro, 1997, p.145 in Braga, 2014, p. 214).

Desta forma a educação de Jovens e Adultos (EJA) se configura como a modalidade da educação básica que tem como pressuposto garantir o direito à educação escolar àqueles que não a concluíram ou a ela não tiveram acesso durante a infância e a adolescência. Na história da educação brasileira, porém, essa garantia nunca foi efetivada plenamente. E se a cobertura dessa modalidade pelo poder público sempre esteve aquém das reais necessidades, esse quadro tem-se agravado recentemente com o encolhimento do número de matrículas e o fechamento de escolas que oferecem cursos de EJA. (Alvarenga, Reguera, Serra & Ventura, 2017, p. 26).

### **1.9 Um olhar sobre os indicadores de analfabetismo no Brasil**

Ao apresentarmos uma síntese dos dados sobre analfabetismo no Brasil, o primeiro ponto a se considerar é que se trata de um problema que possui uma longa história no País. Assim, em sua interessante obra História da Instrução Pública no Brasil (1500-1889), escrita em 1889, José Ricardo Pires de Almeida (2000) comenta o fato de que no Brasil Colônia “havia um grande número de negociantes ricos que não sabiam ler”.

Prova disso é que no Império admitia-se o voto do analfabeto desde que, é claro, este possuísse bens e títulos. O autor relata outro fato que também ajuda a entender as causas desse fenômeno e que ainda hoje se encontra presente: os baixos salários dos professores que impedia a contratação de pessoal qualificado e que levava ao “afastamento natural das pessoas inteligentes de uma função mal remunerada e que não encontra na opinião pública a consideração a que tem direito”. No mesmo trabalho, ele

mostra que, em 1886, enquanto o porcentual da população escolarizada no Brasil era de apenas 1,8%, na Argentina este índice era de 6%. (INEP, 2015, p. 3)

Se por um lado, o Brasil tem hoje plenas condições, do ponto de vista de seus recursos econômicos e da qualificação dos seus docentes, para enfrentar o desafio de alfabetizar seus mais de 16 milhões de analfabetos, por outro lado, o próprio conceito de analfabetismo sofreu alterações ao longo deste período.

Assim, enquanto o conceito usado pelo IBGE nas suas estatísticas considera alfabetizada a “pessoa capaz de ler e escrever pelo menos um bilhete simples no idioma que conhece”, cada vez mais, no mundo, adota-se o conceito de analfabeto funcional, que incluiria todas as pessoas com menos de quatro séries de estudos concluídas. Usando este segundo critério, mais adequado à realidade econômica e tecnológica do mundo contemporâneo, o nosso número de analfabetos salta para mais de 30 milhões de brasileiros, considerando a população de 15 anos ou mais. INEP. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas, (Alvarenga et al, 2017, p. 6)

### **1.10 As desigualdades regionais**

Tendo o Brasil, como sua marca básica, as desigualdades sociais e regionais, não poderia ser diferente com o analfabetismo. Assim o Nordeste brasileiro tem a maior taxa de analfabetismo do País, com um contingente de quase oito milhões de analfabetos, o que corresponde a 50% do total do País. (INEP, 2015, p. 7)

Contudo a distribuição do total de analfabetos absolutos entre os Estados, constata que cinco estados: Bahia, São Paulo, Minas Gerais, Pernambuco e Ceará respondem por cerca da metade dos analfabetos do País. (INEP, 2015, pp. 7 – 8)

### **1.11 O analfabetismo nos municípios**

Analisando os municípios com a maior concentração de analfabetos, constata-se que eles estão indistintamente distribuídos em praticamente todas as unidades da Federação. A cidade de São Paulo encabeça a lista daqueles com o maior número de analfabetos, 383 mil, seguida da cidade do Rio de Janeiro, com 199 mil. É surpreendente a situação do Distrito Federal, que detém a melhor condição educacional

do País, mas concentra, no entanto, 83 mil analfabetos, estando em oitavo lugar entre os municípios com o maior número de analfabetos. (INEP, 2015, p. 7)

Outra abordagem que pode ser feita considera o número de analfabetos em cada município. Identifica-se a existência de 2.142 municípios brasileiros com até mil analfabetos. Esses municípios, com uma população residente que varia de 795 habitantes, com 25 analfabetos (Borá/SP), a 29.358 habitantes, com mil analfabetos (Timbó/SC), têm, em média, uma população residente de 5.470 habitantes e possuem, ao todo, 1.125.191 de analfabetos, cerca de 6,9% do total de analfabetos de 15 anos ou mais do País. Esses municípios de pequeno porte estão distribuídos, de forma mais predominante, nas Regiões Sudeste, Sul e Centro-Oeste. (INEP, 2015, p. 8)

Por outro lado, 242 municípios apresentam mais de 10 mil analfabetos em sua população residente. Esse contingente corresponde a um total de 5.381.624 analfabetos, representando 33% da população analfabeta do País. A população residente nesses municípios varia de 34 mil habitantes, 10 mil dos quais analfabetos (Araioses/MA), a 10.400.000 habitantes, com 383 mil analfabetos (São Paulo/SP). A metade deles, ou seja, 121 municípios têm até 129 mil habitantes. Nesse grupo de 242 municípios com mais de 10 mil analfabetos estão grandes centros urbanos e todos os municípios das capitais. (INEP, 2015, p. 8)

Em termos relativos, as maiores taxas de analfabetismo estão em municípios localizados nas Regiões Norte e Nordeste. Esse quadro é preocupante em função das baixas condições socioeconômicas dessas localidades que, diante de suas características, promovem a manutenção dessa situação de exclusão social.

As análises estatísticas dos 5.507 municípios brasileiros recenseados em 2000 mostram que existe forte correlação entre a taxa de analfabetismo na população de 15 anos ou mais e a taxa de frequência à escola. Assim, o município brasileiro cuja população de 15 anos ou mais possui o mais elevado número médio de séries concluídas é Niterói/RJ e sua taxa de analfabetismo é de apenas 3,6%. (INEP, 2015, p. 8)

Por outro lado, a população do município de Guaribas/PI tem, em média, 1,1 série concluída, uma taxa de analfabetismo de 15 anos ou mais de 59% e uma taxa de analfabetismo funcional de 92,7%. (INEP, 2015, p. 8)

Em 1.796 municípios, a escolarização média da população de 15 anos ou mais é inferior a quatro séries concluídas, ou seja, estão na condição de analfabetos funcionais. Dos 5.507 municípios brasileiros apenas 19 asseguram à sua população uma escolarização média que corresponda ao ensino fundamental completo (oito séries concluídas). (INEP, 2015, p. 9)

### **1.12 A distribuição pelas faixas etárias**

O analfabetismo atinge praticamente todas as faixas etárias, obviamente com intensidades diferentes. São populações com perfis e expectativas diferentes e, por isso mesmo, o analfabetismo deve ser combatido com diferentes estratégias. Na faixa etária de 10 a 19 anos, vemos o fracasso recente do sistema educacional brasileiro, ou seja, 7,4% são analfabetos. Ora, estes jovens ou ainda estão na escola, ou por ela já passaram, o que mostra que nosso sistema educacional continua ainda a produzir analfabetos. Houve, sim, avanços, mas ainda não fomos capazes de fechar a torneira do analfabetismo. INEP. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas, (INEP, 2015, p. 10)

É doloroso constatar que, no Brasil, 35% dos analfabetos já freqüentaram a escola. As razões para o fracasso do País na alfabetização de seus jovens são várias: escola de baixa qualidade, em especial nas regiões mais pobres do País e nos bairros mais pobres das grandes cidades; trabalho precoce; baixa escolarização dos pais; despreparo da rede de ensino para lidar com essa população. O mais preocupante é que, a despeito dos avanços conquistados, ainda observamos o baixo desempenho dos sistemas de ensino, caracterizado pelas baixas taxas de sucesso escolar, sobretudo nos primeiros anos de escolaridade e o que é pior, atingindo as crianças mais jovens. (INEP, 2015, p. 10)

Apesar do tempo médio de permanência esperado no ensino fundamental para as crianças que o freqüentam já ser superior a oito anos em todas as regiões do País, o que permitiria, se tivéssemos uma escola de qualidade, que todos concluíssem este nível de ensino, apenas dois terços, provavelmente, conseguirá fazê-lo.

Além disto, independentemente da faixa etária, o que os trabalhos na área mostram é que os alunos recém-alfabetizados devem ser imediatamente encaminhados

para o ensino regular para evitar uma das características mais comuns em programas de alfabetização em massa: o retorno à condição de analfabeto em curto prazo de tempo.

### **1.13 Analfabetismo e gênero**

Ao contrário de outros países, no Brasil o analfabetismo entre as mulheres é praticamente o mesmo que entre os homens, considerando que 12,4% dos homens de 15 anos ou mais são analfabetos e 12,3% entre as mulheres na mesma faixa etária. Quanto às diferenças regionais, constata-se que há mais analfabetos entre as mulheres nas Regiões Sul e Sudeste. (INEP, 2015, p. 11)

Aliás, no que se refere à questão do gênero, as mulheres, no Brasil, já ocupam a maior parte das matrículas nos diferentes níveis de ensino, com especial destaque no ensino superior, conforme aponta o INEP (2015).

### **1.14 Analfabetismo e renda**

Em um país que apresenta uma das piores concentrações de renda do mundo, onde a renda dos 20% mais ricos é 32 vezes maior que aquela dos 20% mais pobres, a distribuição da educação e do analfabetismo não poderia ser diferente. Assim, para o País como um todo, enquanto a taxa de analfabetismo nos domicílios cujo rendimento é superior a dez salários mínimos é de apenas 1,4%, naqueles cujo rendimento é inferior a um salário mínimo é de quase 29%. No Nordeste, essa situação é mais dramática: a taxa de analfabetismo das famílias mais pobres é vinte vezes maior que aquela das famílias mais ricas. (INEP, 2015, p. 11)

Distribuição de renda e de educação são duas ações que caminham juntas. Políticas estruturais de distribuição de renda (como a reforma agrária) assim como as emergenciais (como os programas de renda mínima) aumentam as chances de permanência das crianças e jovens nas escolas.

Por sua vez, crianças e jovens com maior escolaridade passam a ocupar empregos mais bem remunerados. Os ganhos sociais advindos de ações dessa natureza, com certeza, trarão impactos muito positivos na sociedade brasileira.

O Brasil precisa e pode construir uma escola com infra-estrutura adequada, capacitar os docentes, pagar-lhes salários justos, ampliar a duração dos turnos até chegar a uma escola de período integral, buscar e levar os seus alunos na escola, alimentá-los com dignidade, dar-lhes renda suplementar, enfim, implantar uma pedagogia de resgate e promoção da cidadania.

Não é possível conviver passivamente com a terrível constatação de que 59% dos alunos de 4ª série do ensino fundamental não apresentam habilidades de leitura compatíveis com o nível de letramento apropriado para concluintes desta série. Pior, não apresentam habilidades de leitura suficientes que os tornem aptos a continuarem seus estudos no segundo segmento deste nível de ensino. Enfim, são também analfabetos, uma vez que não usam a linguagem escrita como elemento essencial de sua vida.

## **1.15 Programas para erradicação do analfabetismo no Brasil**

### **1.15.1 Liga brasileira contra o analfabetismo no Brasil**

Quanto à questão específica da instrução para os setores marginalizados da sociedade brasileira, a Liga Brasileira Contra o Analfabetismo foi a primeira grande campanha do gênero, preocupada com o problema em termos nacionais envolvendo pessoas de vários segmentos da sociedade e que tinha como lema: “Combater o Analfabetismo é dever de Honra de todo povo Brasileiro”.

O MCP (Movimento de Cultura Popular) iniciado em maio de 1960 tinha como Diretor da Divisão de pesquisa e coordenador do Projeto de Educação de Adultos do MCP Paulo Freire que alfabetizava através de grupos de debates.

Era um movimento ligado à prefeitura de Recife e além de Paulo Freire contava também o apoio do Governo Miguel Arraes. O objetivo do Movimento de Cultura Popular era alfabetizar utilizando novos métodos de aprendizagem, mas com a falta de investimentos financeiros se limitou ao Recife e ao Rio Grande do Norte. (Brasil, 2014, p. 67).

### **1.15.2 A Campanha “De Pé no Chão”**

O segundo movimento de cultura popular a surgir foi a campanha “De Pé no Chão também se Aprende a Ler” criada pela Secretaria Municipal de Natal.

Em 1961, junto com o Movimento Cultural Popular, também surge o MEB, por meio do Decreto 50.370, de 21 de março, o decreto previa que o Governo Federal iria cooperar com a CNBB (Conferência Nacional de Bispos do Brasil) no processo de alfabetização de adultos. O movimento utilizaria na época a rede de emissoras católicas e a área de atuação era constituída pelo estado de Minas Gerais, e pelas regiões Norte, Nordeste e Centro Oeste (BRASIL, 2014). (Brasil, 2014, p. 405).

O MEB foi o único movimento que resistiu a Ditadura Militar, por força do convênio com a união que fixara as datas base de 1961/1965. Já o CPC Centro Popular de Cultura suas instalações foram incendiadas para evitar o contato com as classes populares. Com o golpe militar e o regime ditador, começaram as perseguições e contenções aos programas e grupos populares que eram realizados muito anterior à ditadura. Os que conseguiram sobreviver foram sujeitos a um segundo plano. Em 1971 a Ação Básica Cristã foi eliminada por causa das dificuldades financeiras (Oliveira, 2014).

### **1.15.3 MOBREAL - Movimento Brasileiro de Alfabetização**

Em 15 de dezembro de 1967 foi criado pela Lei número 5.379 o MOBREAL lançado pelo presidente Artur da Costa e Silva e pelo Ministro da Educação, Tarso Dutra. E ressuscitado em 1969 pelo presidente Médici e seu senador Jarbas Passarinho. O movimento, entretanto, nascido da iniciativa de livrar o país do analfabetismo, possível causa para a pobreza e até a opressão política –, só fora revisto em 1970.

### **1.15.4 Fundação EDUCAR**

Em 1985 surgiu para substituir o MOBREAL, a Fundação EDUCAR, pelo decreto nº 91980, de 25 de novembro foi para suprir o MOBREAL que vinha tendo um gasto muito alto por aluno não tendo o resultado esperado (Brasil, 2014).

Instituído pelo decreto nº 92.374, de 6 de fevereiro de 1986 quando todos os benefícios do MOBREAL foram transferidos para a Fundação EDUCAR. As diferenças mais marcantes entre o MOBREAL e a EDUCAR foram: A EDUCAR estava dentro das competências do MEC; Promovia a execução dos programas de alfabetização por meio do “apoio financeiro e técnico às ações de outros níveis de governo, de organizações



não governamentais e de empresas” e; tinha como especialidade à “educação básica”. As verbas para a execução dos programas iam para as prefeituras municipais através da COEST que recebia os recursos da EDUCAR.

O objetivo da EDUCAR era “promover a execução de programas de alfabetização e de educação básica não-formais, destinados aos que não tiveram acesso à escola ou dela foram excluídos prematuramente”.

A Fundação EDUCAR foi extinta em 1990, surgindo a (PNAC) Plano Nacional de Alfabetização e Cidadania que só durou um ano. O MEC tinha exigências que a Fundação EDUCAR possuía, ela estava dentro das suas competências. O desempenho dos programas de alfabetização por meio do “apoio financeiro e técnico às ações de outros níveis de governo, de organizações não governamentais e de empresas” e; tinha como especialidades à “educação básica”. (Brasil, 2014).

#### **1.15.5 PAS Programa de Alfabetização Solidária**

O ex Presidente da República do Brasil Fernando Henrique Cardoso tinha como meta governamental o programa PAS – Programa Alfabetização Solidária foi criado em janeiro de 1997, trazia como sugestão inicial agir na alfabetização de jovens e adultos. E atingiu as regiões Norte, Nordeste, Centro Oeste e Sudeste do país, e outros países da África de Língua Portuguesa. A introdução das pessoas não alfabetizadas na Educação de Jovens e Adultos e o seguimento dos estudos são alguns dos principais objetivos do PAS (Brasil, 2014).

#### **1.15.6 PROFA - Programa de Formação de Professores Alfabetizadores**

O PROFA é um Programa de Formação de Professores Alfabetizadores, planejado e organizado em Módulos. O Programa de Formação de Professores Alfabetizadores é um Curso preparado em três Módulos, que são apropriados por Unidades.

A contagem de Unidades em cada Módulo muda, contudo, a última delas é sempre designada à avaliação individual dos professores (Brasil, 2014). O Módulo 1 debate conteúdos de fundamentação, pautados aos processos de aprendizagem da leitura

e escrita e à didática da alfabetização. O principal objetivo desse módulo é demonstrar que a aprendizagem inicial da leitura e da escrita é resultado de um processo de construção conceitual que se dá pela reflexão do aprendiz sobre as características e o funcionamento da escrita. No Módulo 2 são discutidas situações didáticas de alfabetização. O objetivo é demonstrar que a alfabetização é parte de um processo mais amplo de aprendizagem de diferentes usos da linguagem escrita, em situações de leitura e produção de texto. O Módulo 3 também tem como foco as situações didáticas. O objetivo é apresentar e discutir outros conteúdos de língua portuguesa que fazem sentido no período de alfabetização (Brasil, 2014).

Cada módulo discute, então, contextos específicos, mas que têm relação entre si. Para cada um deles é definido um conjunto de capacidades que devem ser desenvolvidas pelos professores ao longo do Curso, denominadas Expectativas de Aprendizagem (Brasil, 2014).

#### **1.15.7 Programa Brasil Alfabetizado (PBA)**

O MEC realiza, desde 2003, o Programa Brasil Alfabetizado (PBA), voltado para a alfabetização de jovens, adultos e idosos. O programa é uma porta de acesso à cidadania e o despertar do interesse pela elevação da escolaridade.

O Brasil Alfabetizado é desenvolvido em todo o território nacional, com o atendimento prioritário a municípios que apresentam alta taxa de analfabetismo, sendo que 90% destes localizam-se na região Nordeste. Esses municípios recebem apoio técnico na implementação das ações do programa, visando garantir a continuidade dos estudos aos alfabetizados. Podem aderir ao programa por meio das resoluções específicas publicadas no Diário Oficial da União, estados, municípios e o Distrito Federal. Objetivo: Promover a superação do analfabetismo entre jovens com 15 anos ou mais, adultos e idosos e contribuir para a universalização do ensino fundamental no Brasil. Sua concepção reconhece a educação como direito humano e a oferta pública da alfabetização como porta de entrada para a educação e a escolarização das pessoas ao longo de toda a vida. Ações: Apoiar técnica e financeiramente os projetos de alfabetização de jovens, adultos e idosos apresentados pelos estados, municípios e Distrito Federal (Brasil, 2014).

### **1.15.8 Pró-Letramento**

O termo letramento surgiu porque apareceu um fato novo para o qual precisávamos de um nome, um fenômeno que não existia antes. Fomos buscar a palavra letramento na palavra inglesa literacy que significa condição de ser letrado. Essa palavra é do mesmo campo semântico que a palavra inglesa literate, que significa pessoa que domina a leitura e a escrita. Pessoa letrada é aquela que aprende a ler e a escrever e que passa a fazer uso da leitura e da escrita, a envolverse em práticas sociais de leitura e de escrita, ou seja, que faz uso frequente e competente da leitura e da escrita.

A pessoa letrada passa a ter outra condição social e cultural, muda o seu lugar social, seu modo de viver, sua inserção na cultura e conseqüentemente uma forma de pensar diferente. Tornar-se letrado traz conseqüências linguísticas, cognitivas. Letramento é o resultado da ação de ensinar e aprender as práticas sociais de leitura e de escrita. É o estado ou a condição que adquire um grupo social, ou um indivíduo, como conseqüência de ter se apropriado da escrita e de suas práticas sociais.

Apropriar-se da escrita é torná-la própria, ou seja, assumi-la como propriedade. Um indivíduo alfabetizado, não é necessariamente um indivíduo letrado, pois ser letrado implica em usar socialmente a leitura e a escritura e responder às demandas sociais de leitura e de escrita.

O Pró-Letramento é uma das políticas de educação continuada de professores, surgiu em 2008 no governo do presidente Luis Inácio da Silva, que também visa lutar contra o analfabetismo. E seu principal objetivo é conhecer o uso e as funções sociais da escrita. Foi um curso de formação continuada elaborado pensando em todas as ações e práticas na área da educação, procurando estabelecer, um diálogo eficaz entre assuntos categóricos de língua portuguesa e matemática (Brasil, 2008).

### **1.15.9 Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (Pnaic)**

Em 8 de novembro de 2012, o ministro da Educação, Aloísio Mercadante, no governo da presidenta Dilma Rousseff, lançou o (Pnaic), compromisso firmado entre União, estados e municípios brasileiros, para atingir, o objetivo de alfabetizar todas as crianças até os 8 anos de idade, coincidindo com o final do 3º ano do ensino fundamental, no qual o governo federal investirá mais de R\$ 600 milhões. Entre as

ações estratégicas do Pnaic, o MEC pretende aplicar anualmente a Provinha Brasil no início e no final do 2º ano, cujos resultados servirão também para o INEP realizar análise amostral, além da avaliação externa universal ao final do 3º ano do ensino fundamental. Inclusive servirá o seguinte planejamento do PNAIC para concretizar a meta 5 do Plano Nacional de Educação, Meta 5: alfabetizar todas as crianças, no máximo, até o final do 3º (terceiro) ano do ensino fundamental. (Brasil, 2014).

### **1.16. Avaliação Diagnóstica: Relevância e Aplicabilidade**

Numa pesquisa feita para avaliação diagnóstica na PUC (Pontifícia Universidade Católica) foram desenvolvidos instrumentos destinados a diagnosticar níveis e conteúdos de alfabetismo de jovens e adultos, levando-se em conta conhecimentos, competências e habilidades. Este trabalho baseou-se nos conteúdos correspondentes ao primeiro estágio do primeiro grau e/ou correlatos a um nível de saberes e habilidades construídos não-escolarmente pelos próprios adultos, a partir de suas culturas de grupo e experiências de vida e trabalho, assim como dos meios de comunicação de massa. Foi adotado como quadro de referência curricular, para o desenvolvimento dos instrumentos de avaliação diagnóstica a proposta desenvolvida pela Ação Educativa. (PUC, 2003, p. 10).

Essa pesquisa teve como objetivo específico oferecer recursos para diagnosticar níveis e conteúdos de alfabetismo adulto, nas áreas de leitura/escrita e de conhecimentos lógico-matemáticos, sócio-espacotemporais e científicos. A partir dos resultados obtidos, foram montadas estratégias implementadas por alfabetizadores e supervisores de programas e de cursos de alfabetização de adultos, em sindicatos de trabalhadores, empresas, ONGs, associações comunitárias e Secretarias Municipais de Educação.

Em primeiro lugar, é importante frisar que o analfabetismo no Brasil é diagnosticado estatisticamente segundo parâmetros definidos em 1948 (há quase meio século, portanto), em convenção internacional da ONU.

Por essa convenção, alfabetizada é toda pessoa que, em surveys domiciliares, declara “saber ler e escrever”, simplesmente por sua própria apreciação, sem qualquer verificação mais objetiva. Recentes propostas do Statistical Office da ONU (National Household Survey Capability Program, 1989) e da UNESCO, com centros

especializados em diversos países (UNESCOCEALE/UFMG: Literacy Assessment and its Implications for Statistical Measurement, 1992) procuram definir novas alternativas para dimensionamento mais preciso dos diferentes níveis e características de “literacy” ou alfabetismo.

A Fundação IBGE, ao fazer um balanço das condições da alfabetização no Brasil, no período 1980-1991, adota diversas variáveis proxy (aproximativas), na tentativa de melhor dimensionar o fenômeno, ao longo de um continuum de analfabetismo/alfabetismo. Os diferentes patamares deste continuum são operacionalizados a partir das seguintes informações, obtidas pelas pesquisas domiciliares do IBGE: a) se a pessoa sabe ler e escrever; b) se ela concluiu, com aprovação, alguma série e grau escolares. (PUC, 2003, p. 16)

Através da articulação destas duas variáveis, o supracitado relatório do operacionalizou cinco patamares ao longo de um continuum de alfabetismo, projetando maior nitidez sobre seu provável universo no País, a seguir descritos: a) analfabetismo: corresponde ao estado ou condição das pessoas que não sabem ler nem escrever e que se reconhecem como analfabetas; b) semi-analfabetismo: refere-se aos entrevistados domiciliares que afirmam saber ler e escrever, sem, contudo, terem completado sequer uma série escolar. (PUC, 2003, p. 16)

## 2. MARCO METODOLÓGICO

O caminho metodológico escolhido para realizar esta pesquisa levou em conta à questão relacionada ao analfabetismo e o direito a educação em adultos, em um bairro da cidade do Recife, Pernambuco.

Considerando o título “Percentagem de analfabetismo e direito à educação em adultos de 25 a 40 anos do Bairro dos Coelhos, Recife, PE - Brasil - Ano 2.018”, foram observados fatos que fizeram ao pesquisador formular as seguintes **questões de pesquisa**:

1. Qual o percentagem do analfabetismo adulto em relação à leitura e escrita no Bairro dos Coelhos?
2. Qual o percentagem do analfabetismo adulto em relação à noção em matemática no Bairro dos Coelhos?
3. Qual o percentagem do analfabetismo adulto em relação a noção de espaço no Bairro dos Coelhos?
4. Qual o percentagem em quanto a noção dos direitos a educação dos adultos do Bairro dos Coelhos?

Essas questões acima apresentadas são incluídas, sintetizadas e expressas na seguinte declaração do **problema**: Qual o percentagem de analfabetismo e direito à educação em adultos de 25 a 40 anos do Bairro dos Coelhos em Recife, Pernambuco – Brasil, no ano 2.018?

Após a revisão exaustiva da literatura, verificou-se que as questões de pesquisa não tinham resposta no contexto em que surgiram, por tanto os objetivos foram elaborados.

Dessa forma o **Objetivo geral** foi: Analisar a percentagem de analfabetismo e direito à educação em adultos de 25 a 50 anos do Bairro dos Coelhos em Recife, Pernambuco – Brasil, no ano 2.018.

Os **Objetivos específicos** foram:

1. Identificar a porcentagem do analfabetismo adulto em relação à leitura e escrita no Bairro dos Coelhos.
2. Determinar a porcentagem do analfabetismo adulto em relação à noção em matemática no Bairro dos Coelhos.
3. Determinar a porcentagem do analfabetismo adulto em relação à noção de espaço no Bairro dos Coelhos.
4. Descrever a porcentagem em quanto a noção dos direitos a educação dos adultos do Bairro dos Coelhos.

Esta pesquisa é **justificada** pelo fato de que se verificou que, no contexto observado, há uma lacuna de conhecimento e, portanto, seria importante responder as questões de pesquisa.

Posteriormente, os resultados obtidos podem servir de banco de dados para outras escolas e, assim, propor estratégias para resolver problemas existentes e fortalecer os pontos fortes encontrados.

A **unidade de análise** foram adultos de 25 a 40 anos que moram no Bairro dos Coelhos.

Para alcançar esses objetivos acima descritos foi escolhido como o **desenho da pesquisa não experimental** a qual se centra no modelo de estudo de fenômenos sem a intervenção sistemática do pesquisador, segundo afirma Wazlawick (2009).

Este modelo de pesquisa estuda as relações entre duas ou mais variáveis de um dado fenômeno sem manipulá-las. Concretamente as variáveis desta pesquisa não foram manipuladas. Elas foram observadas como estão na realidade, como elas apresentam-se.

O **tipo de estudo** foi **descritivo - transversal**. Essa escolha deu – se a partir da afirmação de Cervo (2007, pp. 61-62) que diz que o estudo descritivo observa, registra, analisa, correlaciona fatos ou fenômenos sem manipulá-los. Procura descobrir, com maior precisão possível, a frequência como que um fenômeno ocorre, sua relação e conexão com outros, sua natureza e suas características.

Ainda diante este diálogo Trivinhos (2012, p.110) corrobora afirmando que os estudos descritivos apresentam como foco essencial o desejo de conhecer a comunidade,

seus traços característicos, seus problemas, suas gentes, suas escolas, sua educação, seus professores, seus valores, etc.

O mesmo contribui também afirmando que os estudos descritivos pretendem descrever com exatidão os fatos e os fenômenos de determinada realidade e que estes não ficam somente na coleta, ordenação e classificação dos dados.

Assim, relacionando o referencial acima mencionado com a realidade investigada, o que levou a pesquisadora a realizar a pesquisa foi o desejo de conhecer a porcentagem de adultos analfabetos no bairro supracitado.

Ao se afirmar também como estudo descritivo, segundo Gil (2014) tem a preocupação central de identificar os fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência do fenômeno. Este é o tipo de pesquisa que mais aprofunda o conhecimento da realidade, portanto explica a razão, o porquê das coisas. Por isso mesmo é o tipo mais complexo e delicado, já que o risco de cometer erros aumenta consideravelmente. (p. 28).

A pesquisa foi **transversal**, pois a coleta de dados ocorreu em um determinado momento. Ao se falar em estudo transversal Hernandez Sampieri et al. (2006, p. 242) diz que: “Os estudos transversais fazem observações em um único momento do tempo”, como foi o caso desta investigação onde os dados foram coletados em um determinado dia em fevereiro de 2018.

**O enfoque adotado foi o quantitativo.** Ressalta - se neste momento que o enfoque de uma pesquisa esta na forma como o pesquisador interage com os dados coletados. É mergulhar nas entrelinhas das vozes que ecoam na pesquisa.

Considerando as colocações de Falcão e Régnier (2000, p. 232) que afirmam que esse enfoque “podem pautar nossa compreensão do papel da quantificação na pesquisa educacional”. Esses autores postulam que a análise de dados quantitativos constitui-se em um trabalho que propicia que “a informação que não pode ser diretamente visualizada a partir de uma massa de dados poderá sê-lo se tais dados sofrerem algum tipo de transformação que permita uma observação de outro ponto de vista”.

Patta Ramos (2012) afirma que Ciência Social empírica que se utiliza de métodos quantitativos (estatística) está preocupada com resultados gerais e coletivos. Por exemplo: comparar médias entre grupos (uso da estatística descritiva); fazer uma análise



de causa e efeito para determinar principais efeitos (exemplo: efeito da renda e da profissão dos pais no aproveitamento escolar das crianças). (p. 60)

A seguir apresenta – se os detalhes da pesquisa.

## **2.1. Local e época de investigação**

A pesquisa foi feita no Bairro dos Coelhos na cidade de Pernambuco em fevereiro de 2018.

Pernambuco é uma das 27 unidades federativas do Brasil. Está localizado no centro-leste da região Nordeste e tem como limites os estados da Paraíba (N), do Ceará (NO), de Alagoas (SE), da Bahia (S) e do Piauí (O), além de ser banhado pelo oceano Atlântico (L). Ocupa uma área de 98 149,119 km<sup>2</sup> (pouco menor que a Coreia do Sul). Também fazem parte do seu território os arquipélagos de Fernando de Noronha e São Pedro e São Paulo. Sua capital é a cidade do Recife e a sede administrativa é o Palácio do Campo das Princesas. Pernambuco é o sétimo estado mais populoso do Brasil, e possui o décimo maior PIB do país. Já sua capital, Recife, é sede da concentração urbana mais rica e populosa do Norte-Nordeste. No interior do estado, as cidades mais importantes são Caruaru e Petrolina.

Durante o século XVI, as cidades do Recife e Olinda receberam muitos imigrantes judeus que fugiam das perseguições inquisitórias existentes na Península Ibérica. Na época dos descobrimentos, a população judaica, em Portugal, era bem significativa, correspondendo a 30% do total dos habitantes lusos. Durante a ocupação holandesa vieram para o Recife judeus, alemães e poloneses, fugindo da Guerra dos Trinta Anos (1620), e dos massacres de 1648 e 1649. Durante o período de dominação flamenga, as terras que pertencem ao atual bairro dos Coelhos eram chamadas de Cemitério dos Judeus, porque ali eram realizados os sepultamentos de judeus.

Segundo Moura (2002), o cemitério judaico já havia sido assinalado em mapas da época dos holandeses. Gonsalves de Mello, com base nesses mapas, admite que o cemitério localize no atual Sítio dos Coelhos, no bairro da Boa Vista. E o historiador Mota Menezes aponta, com relativa precisão, o lugar onde está o cemitério, partindo de sobreposições dos mapas mais antigos aos mais recentes.

As terras dos Coelhos, por terem sido adquiridas pelos descendentes da família Coelhos Cintra, ficaram conhecidas como Sítio dos Coelhos. Em 1818, a propriedade pertencia aos herdeiros de João Coelho da Silva, contendo uma grande casa de vivenda (com um sobrado), uma capela e uma senzala de escravos. Em 13 de agosto de 1824, as terras foram vendidas por Elias Coelho e adquiridas pelo governo.

O bairro dos Coelhos tem uma população de 7.633 habitantes.

**Imagem n° 1:** Mapa do Bairro dos Coelhos



**Fonte:** <https://pt.wikipedia.org/wiki/Coelhos>

## 2.2. População e amostra

Os participantes da pesquisa foram adultos homens e mulheres de 25 a 40 anos do Bairro dos Coelhos numa população de 7.633 habitantes.

Escolheu - se o método de **amostragem aleatória por conveniência** considerando que todos os elementos da população podem ser selecionados de acordo com uma probabilidade pre - definida e em que se podem avaliar objetivamente as estimativas das propriedades da população obtidas a partir da amostra.

Os sujeitos foram escolhidos pelo pesquisador **por conveniência** pela facilidade do contato do pesquisador com esses sujeitos **totalizando a amostragem de 110 sujeitos.**

### 2.3. Técnica e instrumento de coleta de dados

Marconi e Lakatos (2010), informam que “tanto os métodos quanto as técnicas devem adequar-se ao problema a ser estudado, às hipóteses levantadas e que se queria confirmar, e ao tipo de informantes com que se vai entrar em contato” (p.33).

Para a compreensão da técnica escolhida para esta investigação faz-se necessário nos debruçar em Marconi & Lakatos (2010, p. 174) que afirma que a “Técnica é um conjunto de preceitos ou processos de que se serve uma ciência ou arte; é a habilidade para usar esses preceitos ou normas, a parte prática. Toda ciência utiliza inúmeras técnicas na obtenção de seus propósitos”.

Para que se possam alcançar os objetivos propostos e, portanto responder a questão problema lançada para esta investigação, a técnica de coleta de dados foi o **questionário**.

A escolha dessa técnica deu - se considerando as vantagens que ela oferece: “Pode ser utilizada com todos os segmentos da população (alfabetizados ou não). Há maior flexibilidade: o entrevistador pode repetir a pergunta; formular de maneira diferente; garantir que foi compreendido”. (Marconi & Lakatos, 1999, p. 97). Essa vantagem permitiu entrevistar os sujeitos desta pesquisa que em maioria não sabiam ler nem escrever.

O questionário, segundo Gil (1999, p.128) pode ser definido “como a técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc.”

O questionário (ver anexo nº 1) foi elaborado com questões fechadas segundo os objetivos da pesquisa e as variáveis do estudo. Gil (1999) define as “variáveis” como sendo características que podem ser observadas (ou medidas) em cada elemento de um fenômeno, sob as mesmas condições.

Foi adaptado para esta pesquisa utilizando como base o “Questionário de avaliação diagnóstica de conteúdos e níveis de alfabetismo adulto” que foi elaborado pela Pontificia Universidade Católica de Rio de Janeiro.

O questionário tem 4 dimensões:

1. Noções de leitura e escrita em alfabetismo adulto.
2. Noções de matemática em alfabetismo adulto.
3. Noções de espaço em alfabetismo adulto, e
4. Noções do direito a educação.

As opções de respostas do questionário são fechadas.

No quadro nº 1 a seguir apresentam se as variáveis com o conceito e a operacionalização de cada uma delas.

**Quadro nº 1:** Variáveis da pesquisa

| <b>Variáveis</b>                                      | <b>Definição conceitual</b>  | <b>Definição operacional</b>                     |
|---|--|--|
| 1. Noções de leitura e escrita em alfabetismo adulto. | Considera - se as noções de leitura de cada entrevistado, como eles se avaliam enquanto leitores e se já se apropriaram da base alfabética (se conseguem ler, no sentido estrito). (PUC, 2003, p. 27)  | Item II: 1, 2, 3, 4, 5, 6 e 7 do questionário.   |
| 2. Noções de matemática em alfabetismo adulto.        | Considera - se noções de matemática em alfabetismo adulto considerando que “ação matemática não é puramente” cognitiva, mas um processo dialético entre o sujeito e sua realidade, na medida em que o conhecimento matemático está presente nas situações usuais de modo informal e assistemático como, por exemplo, no vestuário, calçados, transporte, moradia, sistema monetário etc.” (PUC, 2003, p. 29) | Item III: 1, 2, 3 do questionário.               |
| 3. Noções de espaço em alfabetismo adulto.            | Considera - se noções de espaço em alfabetismo adulto segundo a conceptualização da PUC (2003): Por outro lado, a construção da noção de espaço significa a possibilidade do sujeito deslocar-se livremente, tomando como referência pontos distintos, além de saber localizar-se em relação a esses pontos e aos objetos. (p. 35)   | Item IV: 1, 2, 3 do questionário.                |
| 4. Noções do direito a educação.                      | Considera - se como noções do direito a educação segundo o que afirma o: Art. 6º: São direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição (Brasil, 1988 in Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República, 2013, p. 31).  | Item V: 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7 e 8 do questionário. |

**Fonte:** Elaboração própria

O questionário foi elaborado segundo os objetivos da pesquisa e as variáveis do estudo acima mencionadas. Para fazer um questionário é preciso:

- 1 – Planejar o que vai ser mensurado.
- 2 – Formular as perguntas para obter as informações necessárias.
- 3 – Definir o texto e a ordem das perguntas e o aspecto visual do questionário.
- 4 – Testar o questionário, utilizando uma pequena amostra, em relação a omissões e ambiguidade.
- 5 – Caso necessário, corrigir o problema e fazer novo pré-teste. (p. 51)

Seguindo esses passos mencionados foi elaborado um questionário para os participantes da pesquisa.

As opções de respostas foram fechadas, sendo elas:

- Sim
- Um pouco
- Não

Além das opções supracitadas foram inclusas no questionário questões sociodemográficas para levantar dados relacionados à idade, formação acadêmica, estado civil, emprego e acesso a escola.

### **2.3.1 Validação do questionário**

Para a validação do instrumento foram escolhidos quatro Doutores que analisaram os instrumentos percebendo a concordância destes com os objetivos de pesquisa, bem como analisando a coesão e coerência as questões previamente elaboradas.

A validação é o processo de examinar a precisão de uma determinada predição ou inferência realizada a partir dos escores de um teste. Validar, mais do que a demonstração do valor de um instrumento de medida, é todo um processo de investigação. O processo de validação não se

exaure, ao contrário, pressupõe continuidade e deve ser repetido inúmeras vezes para o mesmo instrumento. Valida-se não propriamente o teste, mas a interpretação dos dados decorrentes de um procedimento específico. A cada aplicação de um instrumento, pode corresponder, portanto, uma interpretação dos resultados. (Malheiros, 2011, p. 87)

Também Corral (2009) afirma que a validação de um instrumento tem que ser feita por o menos por três expertos ou juizes, para julgar de maneira independente a relevância e a congruência dos reativos com o conteúdo teórico, a clareza na redação e o sesgo na formulação dos itens, quer dizer se elas sugerem ou não uma resposta.

### **2.3.2 Confiabilidade do questionário**

A confiabilidade responde a seguinte pergunta: qual a exatidão dos itens reativos ou tarefas representa ao universo da onde foram selecionados? O termo confiabilidade “(...) designa a exatidão com a qual um conjunto de pontos de provas mede o que tinham que medir?” (Corral, 2009).

Existem varias formas de provar a confiabilidade do instrumento. Aqui foi escolhido o Coeficiente Alfa de Cronbach.

O Coeficiente Alfa de Cronbach avalia a confiabilidade ou a homogeneidade das perguntas ou dos itens. E para determinar a confiabilidade empregou se o Coeficiente Alfa de Cronbach. O resultado do Coeficiente Alfa de Cronbach pode ter valores entre 0 y 1, onde 0 significa confiabilidade nula e 1 representa confiabilidade total. (Corral, 2009).

Para determinar o Coeficiente Alfa de Cronbach faz se necessário provar o questionário com um pequeno grupo da população. Foi aplicada uma prova piloto com um grupo que não pertencia ao grupo da pesquisa, mas com as mesmas características do grupo da pesquisa.

Posteriormente com os dados obtidos na prova piloto, foi aplicada a formula a traves do Excel, para determinar o Coefiente Alfa de Cronbach correspondente a varianza dos itens:

$$\alpha = \frac{K}{K - 1} \left( 1 - \frac{\sum V_i}{V_t} \right)$$

**α:** Alfa de Crombach

**K:** Número de itens

**Vi:** Varianza de cada item

**Vt:** Varianza do total

O resultado do coeficiente de confiabilidade foi **α= 0,8794**, perto a 1, então o instrumento é confiável.

$$\alpha = 0,8794$$

#### 2.4. Aplicação do instrumento

Para a aplicação do instrumento o pesquisador foi ao local da pesquisa, o Bairro dos Coelhos em busca e aplicou o instrumento na rua aos sujeitos que aceitaram participar da pesquisa, na zona que tem sempre pessoas adultas sem fazer nada na rua.

O pesquisador apresentava – se e perguntava se a pessoa queria responder perguntas relacionadas ao analfabetismo. Seguidamente apresentava – se dizia o objetivo do questionário. Também apresentava um consentimento de ética de ambas as partes para dar a conhecer ao sujeito o como e onde os dados por ele fornecido seria utilizado. Posteriormente, se o sujeito consentia os termos da pesquisa, era aplicado o instrumento, sendo o mesmo pesquisador quem preenchia os dados.

As limitações encontradas foram a dificuldade de expressão de ambas as partes, incompreensão por parte do informante e tempo que a aplicação do instrumento de sujeito por sujeito.

## **2.5. Processamento dos dados obtidos**

Uma vez aplicado o instrumento, os dados foram processados a traves do Excel e são apresentados em forma de gráfico no seguinte capítulo.



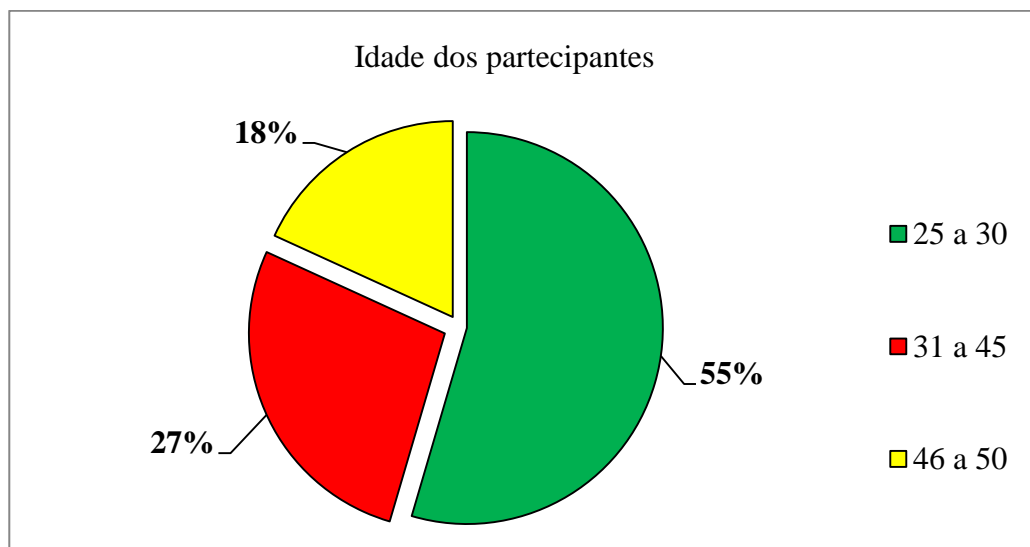
### 3. RESULTADOS OBTIDOS NA PESQUISA

Neste capítulo, são apresentados os resultados da pesquisa realizada na cidade de Recife, Bairro dos Coelhos com o objetivo geral de: Analisar a percentagem de analfabetismo e direito à educação em adultos de 25 a 50 anos do Bairro dos Coelhos em Recife, Pernambuco – Brasil, no ano 2.018.

#### 3.1 Dados sociodemograficos dos participantes da pesquisa

Quanto à idade dos participantes da pesquisa encontro – se que a maioria deles estava na faixa compreendida entre os 25 e 30 anos.

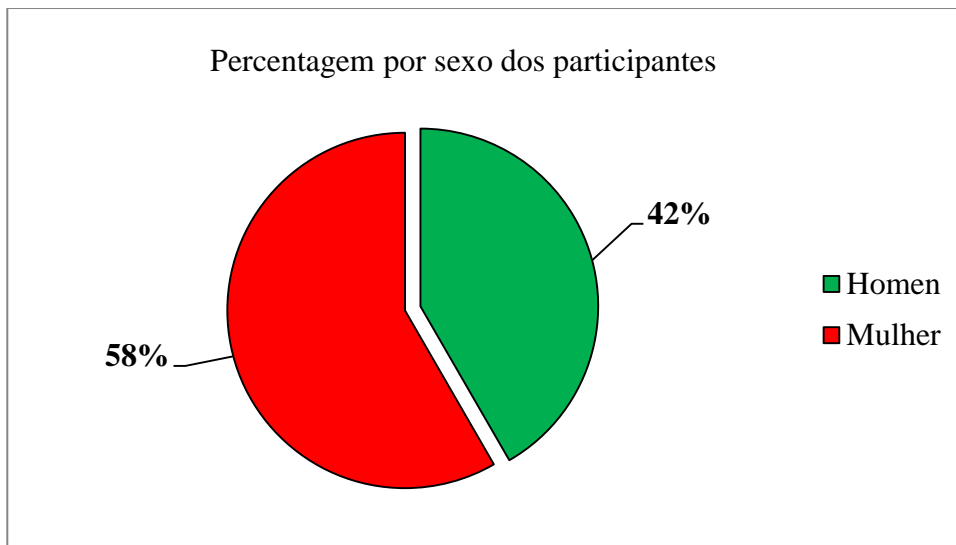
**Gráfico n° 1:** Idade dos participantes da pesquisa.



**Fonte:** Elaboração própria

Quanto à porcentagem de sexo segundo os participantes os resultados apresentam – se no gráfico n° 2, onde a maioria eram mulheres.

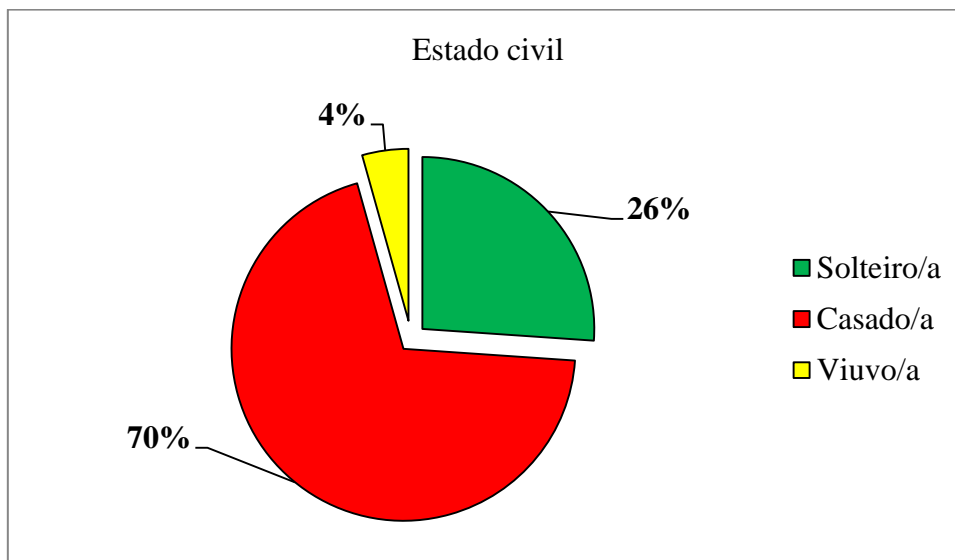
**Gráfico n° 2:** Percentagem por sexo dos participantes



**Fonte:** Elaboração própria

Em relação ao estado civil, a maioria dos participantes é casada. Em segundo lugar encontram – se os casados/as e uma minoria é viúva/o. Não houve separados judicialmente nem divorciados, segundo o gráfico n° 3.

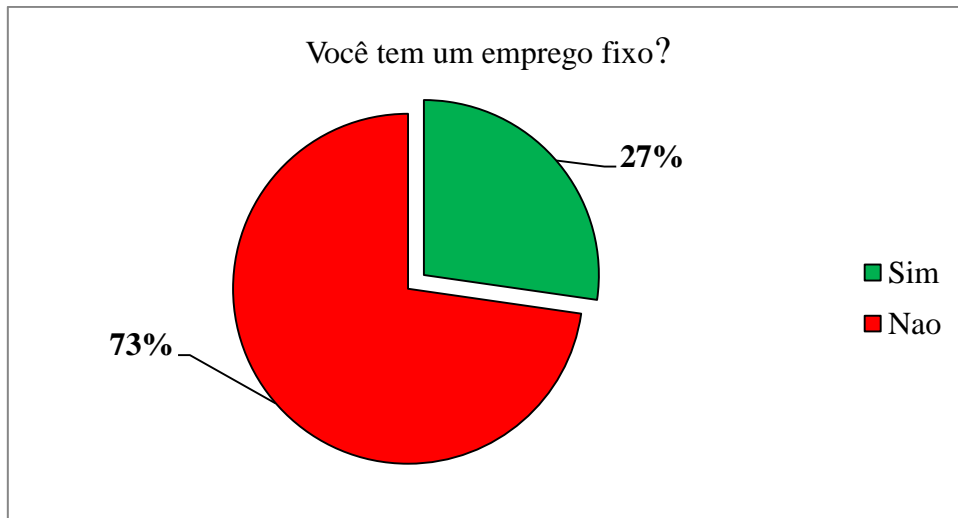
**Gráfico n° 3:** Estado civil dos participantes



**Fonte:** Elaboração própria

Em relação aos dados relacionados a emprego a minoria (73%.) não tem emprego fixo, como observa – se no gráfico n° 4.

**Gráfico n° 4:** Percentagem dos participantes que tem emprego fixo.

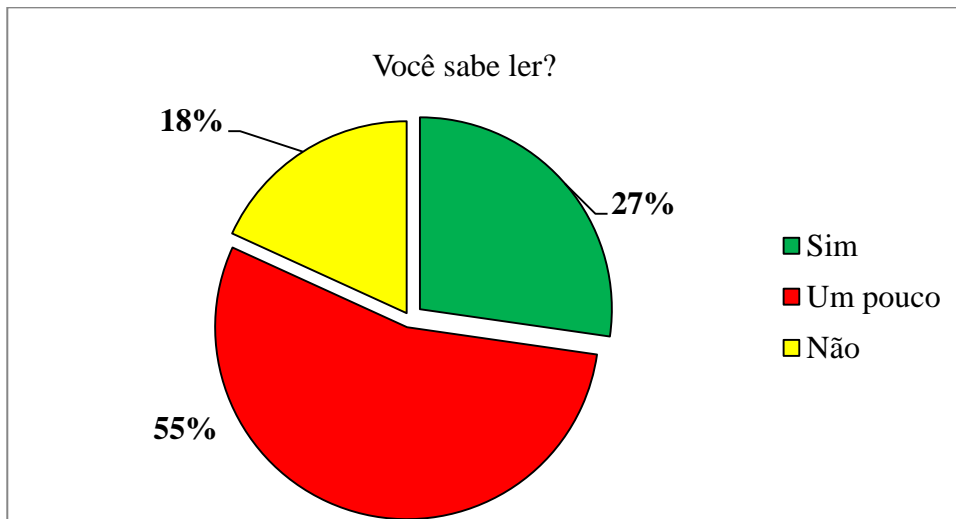


Fonte: Elaboração própria

### 3.2 Resultados relacionados às noções de leitura e escrita em alfabetismo adulto.

Em relação ao item que indagou se os sujeitos sabem ler a maioria expressou que sabe ler “um pouco”.

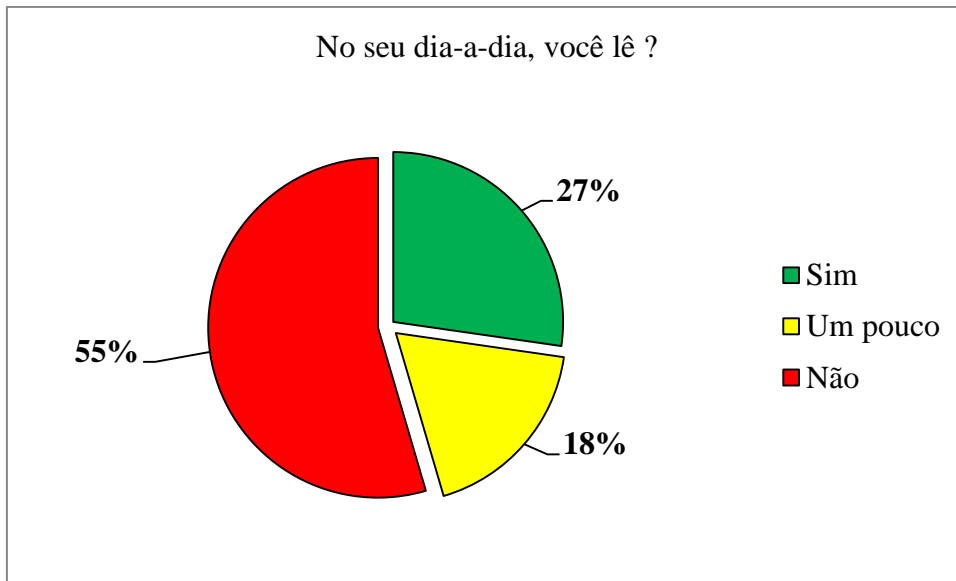
**Gráfico n° 5:** Você sabe ler?



Fonte: Elaboração própria

No gráfico n° 6 mostra – se o resultado do item “no seu dia-a-dia, você lê?” a maioria expressou que não ler.

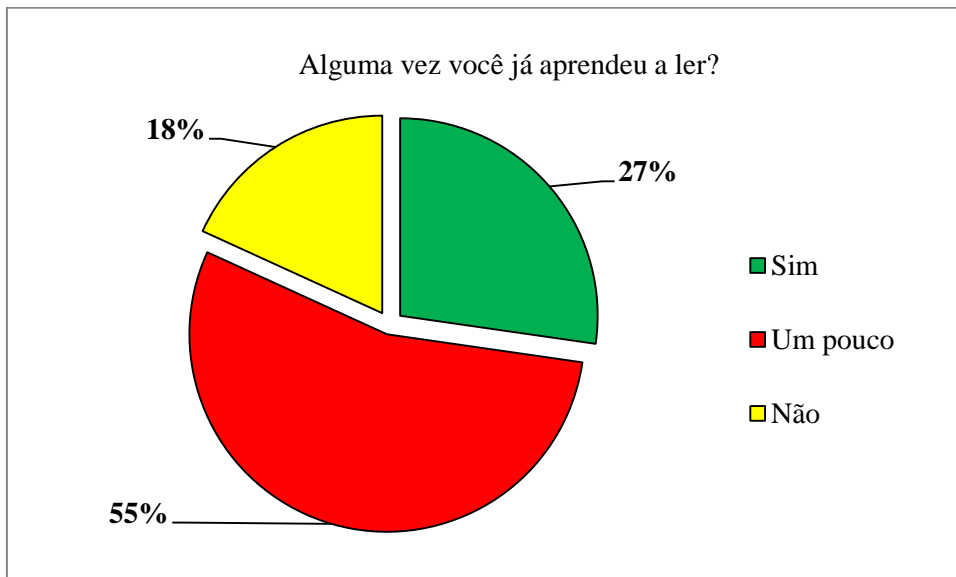
**Gráfico n° 6:** No seu dia-a-dia, você lê?



**Fonte:** Elaboração própria

No gráfico n° 7 pode – se observar que o 55% aprendeu a ler “um pouco”.

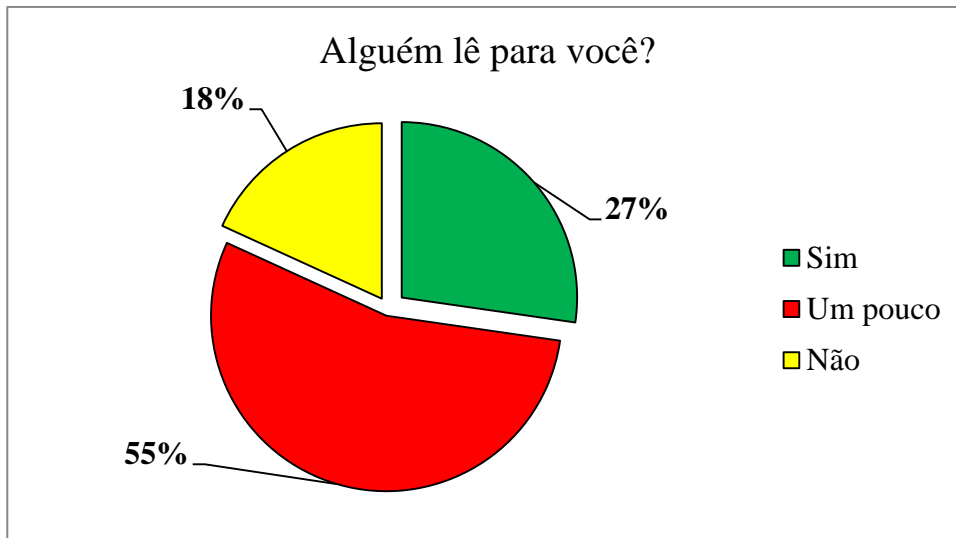
**Gráfico n° 7:** Alguma vez você já aprendeu a ler?



**Fonte:** Elaboração própria

No gráfico n° 8 mostra que a maioria dos participantes declarou que “alguém lê para eles”.

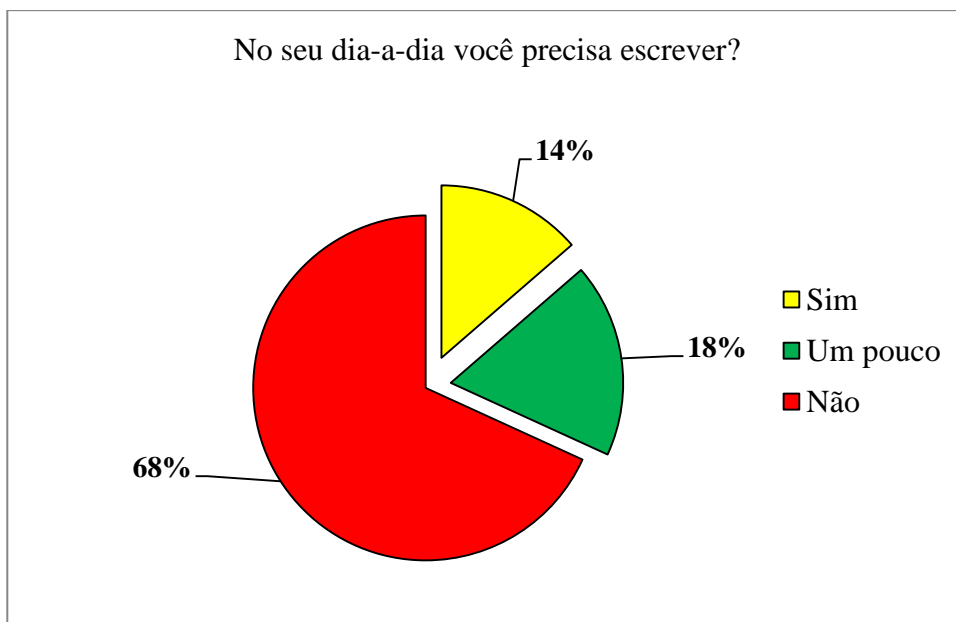
**Gráfico n° 8:** Alguém lê para você?



**Fonte:** Elaboração própria

Em relação ao item que perguntou se os sujeitos precisam escrever no dia a dia a maioria expressou que não como pode – se ver no gráfico n° 9.

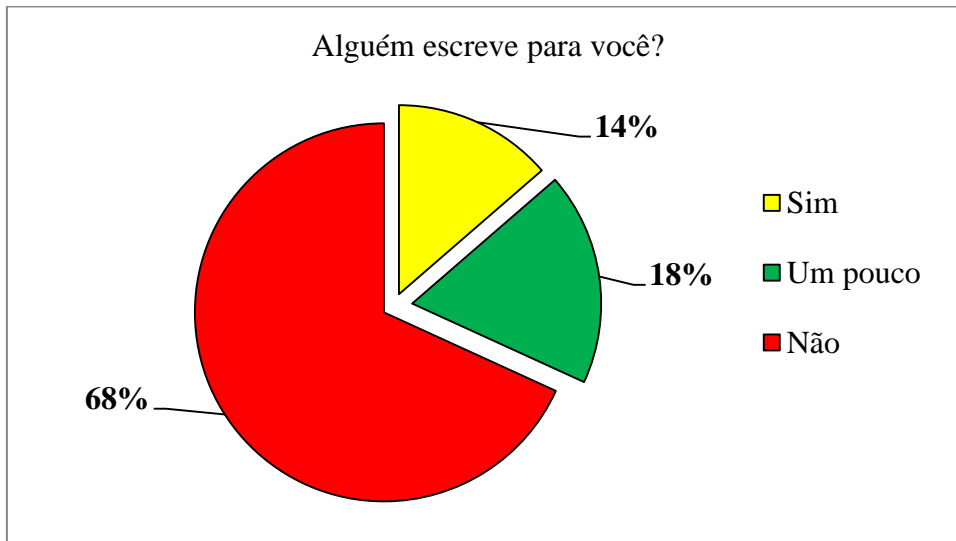
**Gráfico n° 9:** No seu dia-a-dia você precisa escrever?



**Fonte:** Elaboração própria

Quando os participantes foram perguntados se alguém escreve pra eles a maioria respondeu que não, como expressa o gráfico n° 10.

**Gráfico n° 10:** Alguém escreve para você?



**Fonte:** Elaboração própria

Em relação à consulta “você quer aprender a ler e escrever?”, 91% expressou que quer aprender a ler e escrever, segundo o gráfico n° 11.

**Gráfico n° 11:** Você quer aprender a ler e escrever?

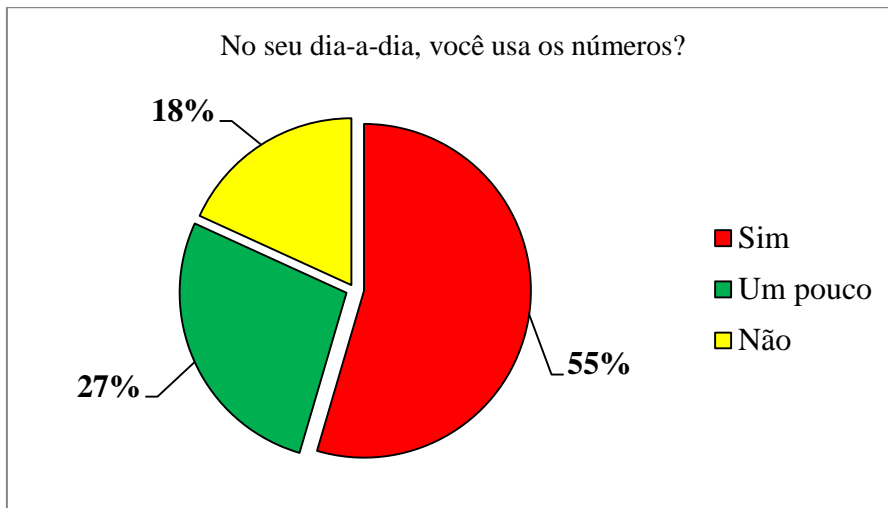


**Fonte:** Elaboração própria

### 3.3. Resultados relacionados às noções de matemática em alfabetismo adulto

Na dimensão relacionada às noções de matemática a maioria dos participantes da pesquisa manifestou utilizar números no dia a dia deles, como pode – se ver no gráfico n° 12.

**Gráfico n° 12:** No seu dia-a-dia, você usa os números?



Fonte: Elaboração própria

No item relacionado a saber fazer operações básicas de matemática como soma e resta a maioria dos participantes respondeu que sim sabe fazer.

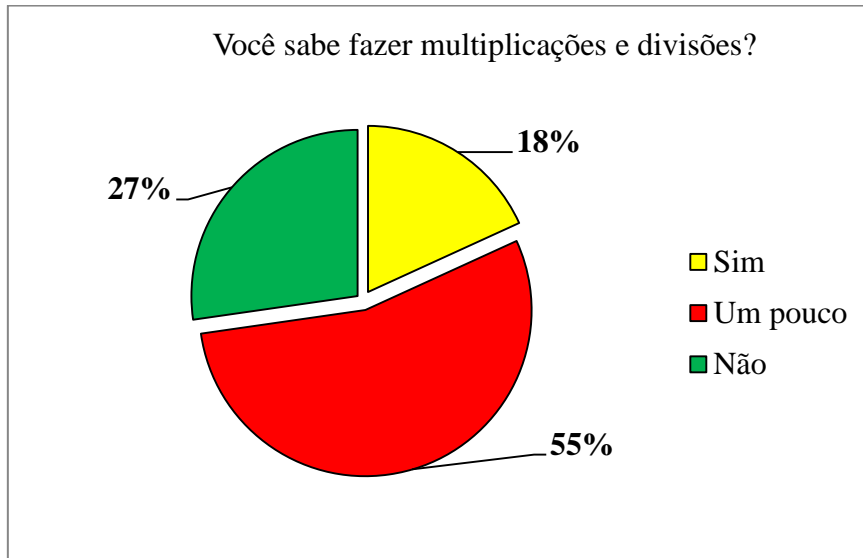
**Gráfico n° 13:** Você sabe fazer soma e resta?



Fonte: Elaboração própria

Já no item relacionado a ter noções um pouco mais do que a soma e resta ou seja saber fazer multiplicação e divisão a respostas dos participantes foi diferente. O 55% respondeu que sabe fazer “um pouco”, mas 27% respondeu que não sabe fazer esse tipo de operações básicas de matemática, como pode – se observar no gráfico n° 13.

**Gráfico n° 13:** Você sabe fazer multiplicações e divisões?

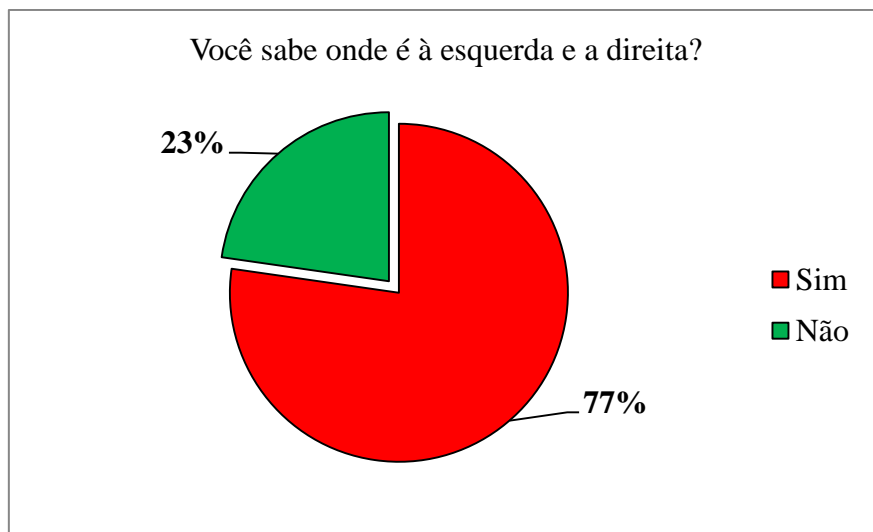


Fonte: Elaboração própria

### 3.4 Resultados relacionados às noções de espaço em alfabetismo adulto

No resultado da noção de espaço 77% dos participantes declarou identificar a esquerda ou a direita e 23% declarou não saber.

**Gráfico n° 14:** Você sabe onde é à esquerda e a direita?



Fonte: Elaboração própria



Posteriormente foi consultado se os participantes perguntam pra ir a esquerda ou pra direita quando for necessário, aqueles que afirmaram não saber diferencias declararam perguntar pra alguém, como observa – se no gráfico n° 15.

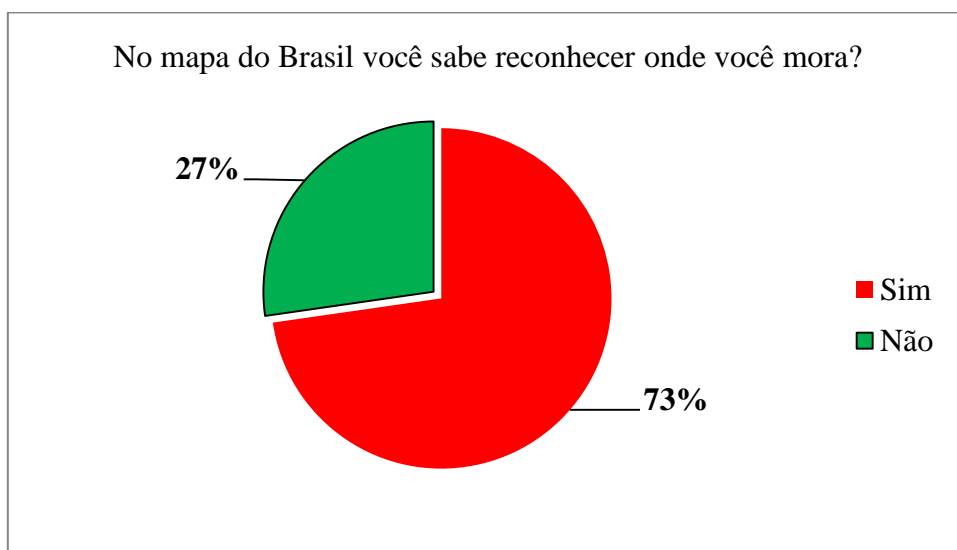
**Gráfico n° 15:** Quando precisa ir à esquerda ou à direita, você pergunta?



**Fonte:** Elaboração própria

Além de perguntar se os participantes sabem a ubicacao da esquerda ou a direita, também foi consultado se eles sabem se ubicar no mapa de Brasil o lugar onde moram, sendo 73% que sabem ubicar no mapa o lugar onde vivem.

**Gráfico n° 16:** No mapa do Brasil você sabe reconhecer onde você mora?



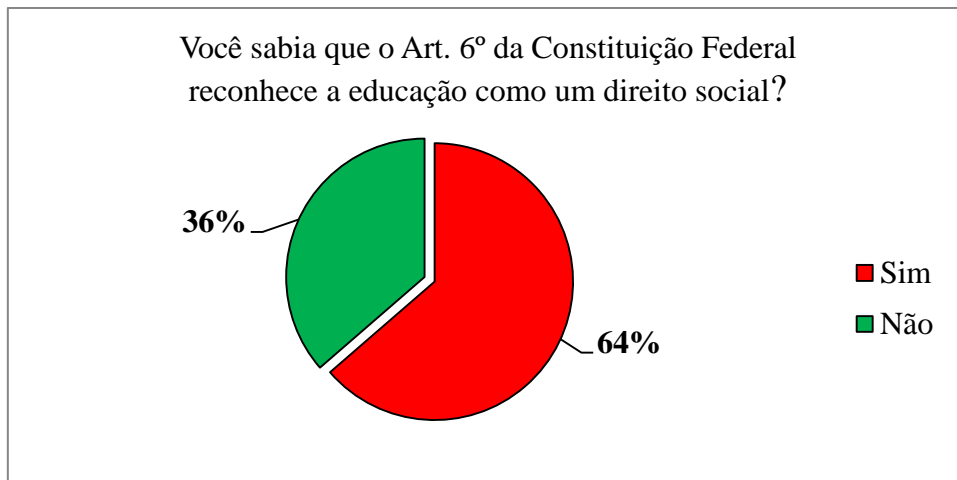
**Fonte:** Elaboração própria

### 3.5 Resultados relacionados às noções do direito a educação

O direito a educação é um direito que deve atingir a todos os cidadãos da República do Brasil. Por tanto foi consultado aos participantes o conhecimento em relação as leis que amparam a educação.

Assim 64% dos participantes afirmou ter conhecimento sobre a educação como direito social na Constituição Federal.

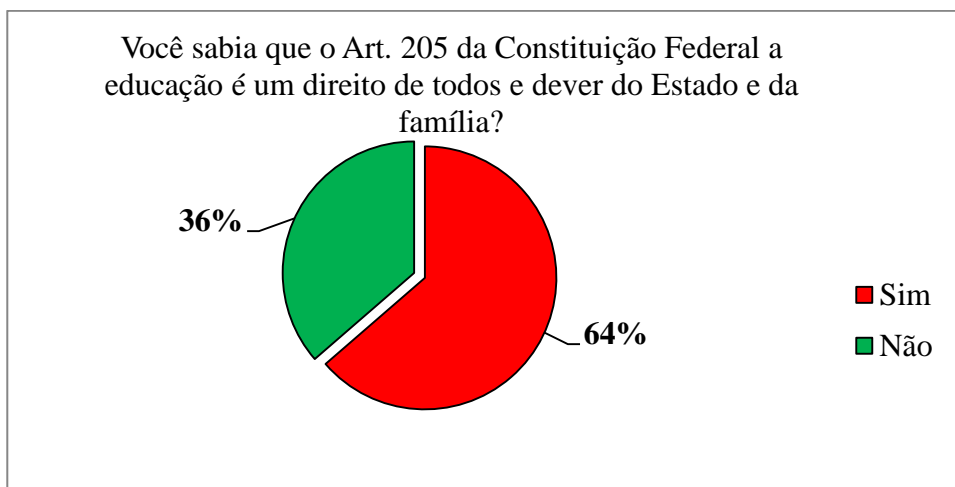
**Gráfico n° 17:** Você sabia que o Art. 6° da Constituição Federal reconhece a educação como um direito social?



**Fonte:** Elaboração própria

Em relação ao conhecimento sobre a educação como direito de todos e dever do estado e da família 64% respondeu que conhecia esse direito.

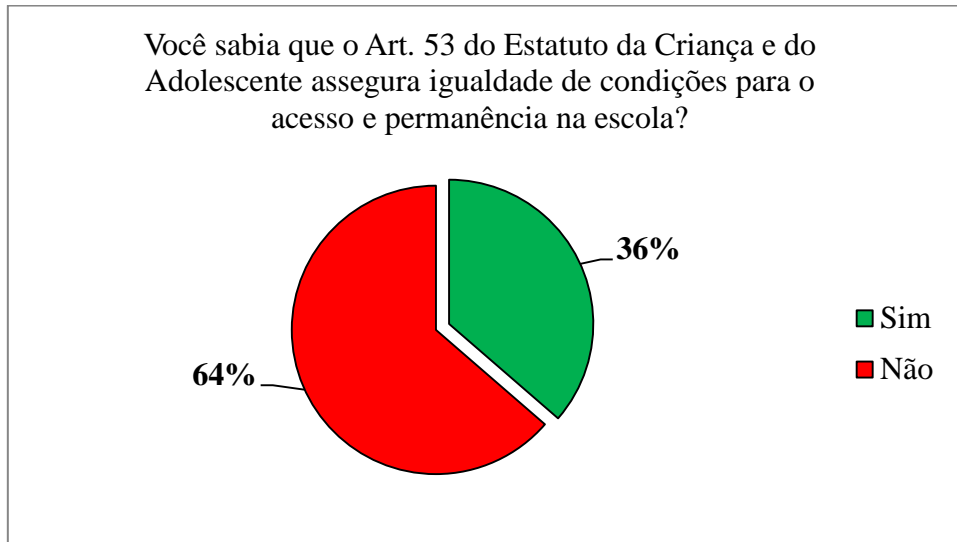
**Gráfico n° 18:** Você sabia que o Art. 205 da Constituição Federal a educação é um direito de todos e dever do Estado e da família?



**Fonte:** Elaboração própria

O Art. 53 do Estatuto da Criança e do Adolescente assegura igualdade de condições para o acesso e permanência na escola. Relacionado a esse item só 64% dos participantes afirmou conhecer esse direito, como observa – se no gráfico n° 19.

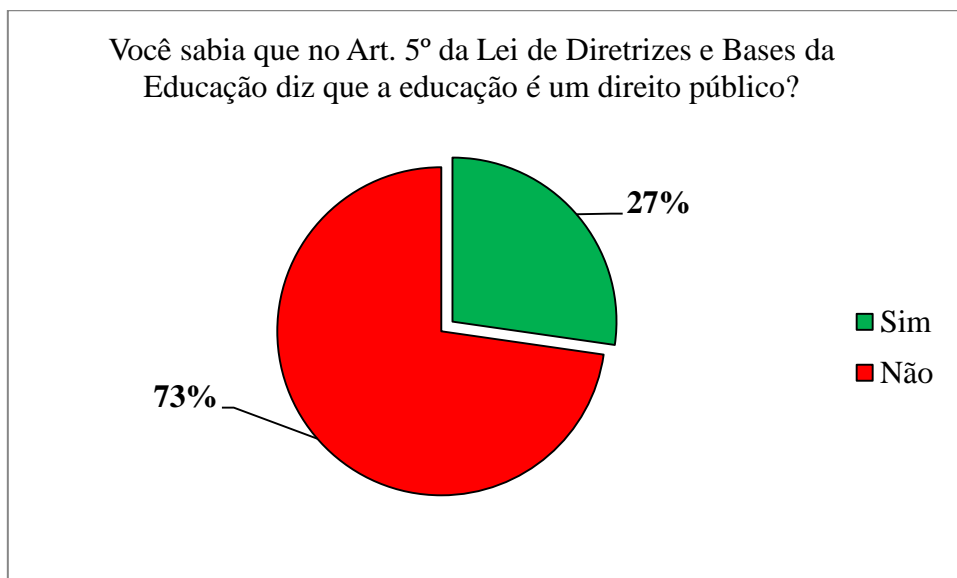
**Gráfico n° 19:** Você sabia que o Art. 53 do Estatuto da Criança e do Adolescente assegura igualdade de condições para o acesso e permanência na escolar?



**Fonte:** Elaboração própria

O Art. 5° da Lei de Diretrizes e Bases da Educação diz que a educação é um direito public mas só o 73% afirmaram conhecer essa Lei.

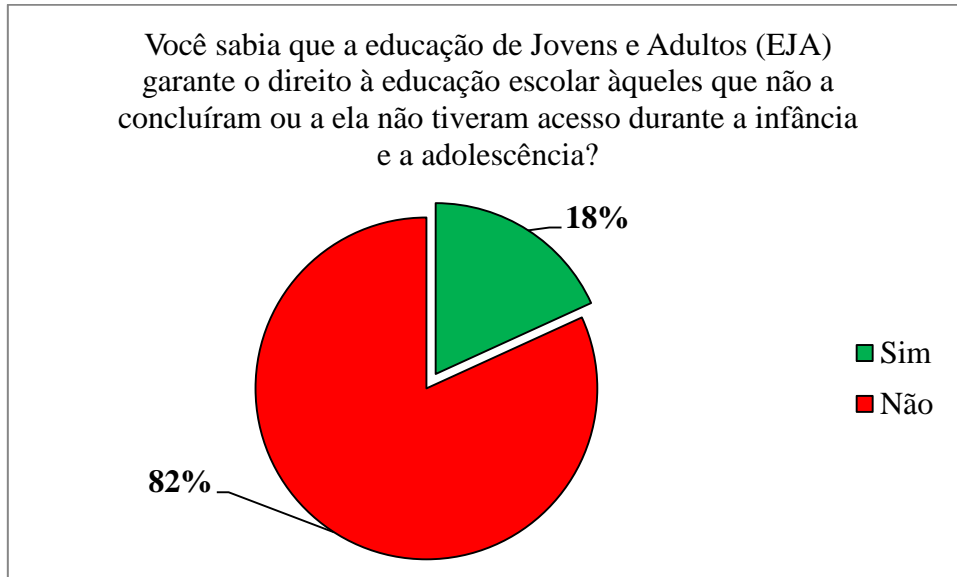
**Gráfico n° 20:** Conhecimento da Lei de Diretrizes e Bases da Educação.



**Fonte:** Elaboração própria

A educação de Jovens e Adultos (EJA) garante o acesso aqueles que não conseguiram concluir na idade certa o ensino fundamental nem o ensino médio, mas só o 82% dos pesquisados conhecem a existência da EJA.

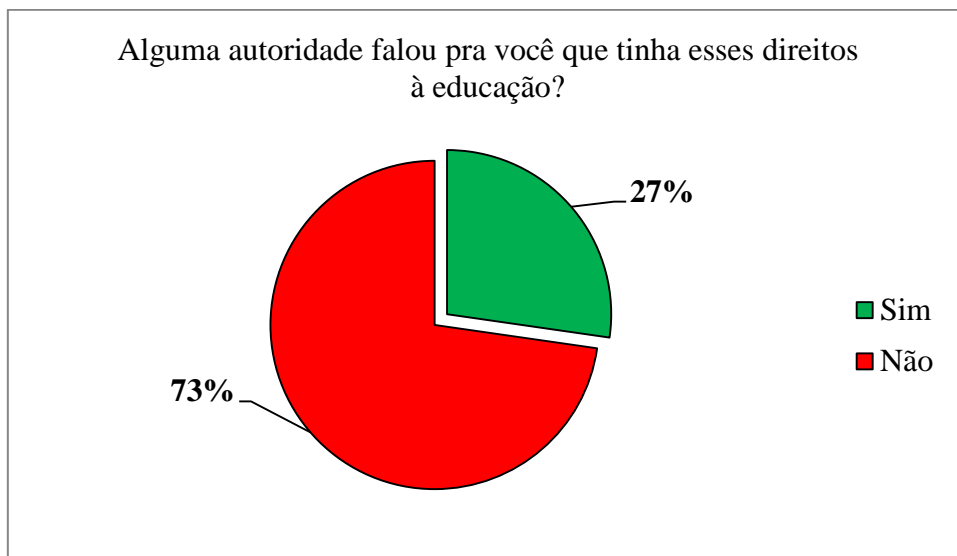
**Gráfico n° 21:** Conhecimento da EJA



**Fonte:** Elaboração própria

Em relação a pergunta anterior 73% declarou que nunca nenhuma autoridade falou pra eles acerca da EJA, segundo o que pode – se observar no gráfico n° 22.

**Gráfico n° 22:** Alguma autoridade falou pra você que tinha esses direitos à educação?



**Fonte:** Elaboração própria

## DISCUSSÃO

Os **dados sociodemográficos** indicam que 55% da população participante do estudo tem 25 a 30 anos, 27% de 31 a 45 e 18% de 46 a 50 anos.

Em relação à porcentagem por sexo o 58% foi de sexo feminino e 42% de sexo masculino.

O estado civil dos sujeitos 70% é casado, 26% solteiro e 4% viúvo.

Em relação a emprego fixo 73% afirmou não ter emprego fixo e só 27% afirmou ter emprego fixo.

Em relação ao **primer objetivo específico** identificar a porcentagem do analfabetismo adulto em relação à leitura e escrita no Bairro dos Coelhos foi encontrado que 55% sabem ler um pouco, 27% sabe ler e 18% não sabe ler.

Esses números relacionam – se com o que foi exposto no marco teórico: “O analfabetismo atinge praticamente todas as faixas etárias, obviamente com intensidades diferentes. São populações com perfis e expectativas diferentes (...)” (INEP, 2015, p. 10).

Só 27% leem no seu dia a dia, 55% não lê e 18% leem um pouco, mas só 27% aprendeu a ler alguma vez e 55% aprendeu a ler um pouco.

Assim também 55% dos participantes responderam que alguém lê para eles quando precisam.

Em relação à pergunta: “No seu dia-a-dia você precisa escrever?” 68% responderam que não precisa e somente 18% declarou que sim precisa escrever. Também 68% afirmaram que alguém escreve para eles e 18% que alguém escreve um pouco para eles. Finalmente nesta noção de leitura e escrita dos participantes foi perguntado se queriam aprender a ler e escrever onde 91% expressaram que sim.

Esses resultados concordam com a afirmação que diz que Pernambuco é uns dos estados com elevado índice de analfabetismo, como foi exposto no marco teórico deste trabalho: “Contudo a distribuição do total de analfabetos absolutos entre os Estados constata que cinco estados: Bahia, São Paulo, Minas Gerais, Pernambuco e Ceará respondem por cerca da metade dos analfabetos do País.” (INEP, 2015, pp. 7 – 8).

Em relação ao **segundo objetivo da pesquisa** determinar a porcentagem do analfabetismo adulto em relação à noção em matemática no Bairro dos Coelhos. Foi consultado às noções de matemática em alfabetismo adulto.

Quando foi perguntado: No seu dia-a-dia, você usa os números? 55% responderam que sim usam, 27% usam um pouco e 18% não usam. Esses resultados quando comparados com a mesma pergunta mas relacionada ao uso da escrita é totalmente diferente considerando que 68% responderam não precisar da escrita no seu dia a dia.

Na pergunta “Você sabe fazer soma e resta?” 82% respondeu que sim sabe fazer e 18% um pouco, mas na pergunta “Você sabe fazer multiplicações e divisões?” a porcentagem de respostas diminuiu já que só o 18% afirmou que sabe fazer e 55% responderam que sabe fazer um pouco.

Esses resultados concordam com o marco teórico onde foi colocado: Retomando o conceito de analfabeto como pessoa que não necessita ler, Pinto (2007), nos mostra ser de fundamental relevância partir da situação real do analfabeto como ser humano, e não apenas como fato sociológico. “O analfabeto, em sua essência, não é aquele que não sabe ler, mas sim aquele que, por suas condições concretas de existência, não necessita ler. (...) dada sua condição de vida” (p. 63). O autor ainda acrescenta a relação entre o analfabetismo e o trabalho: “pode-se dizer que é o trabalho que alfabetiza ou analfabetiza o homem, segundo exija dele o conhecimento das letras, ou seja de tal espécie que o dispense de conhecê-las” (p. 63 in Braga, 2014, p. 278).

No **terceiro objetivo da pesquisa** determinar a porcentagem do analfabetismo adulto em relação à noção de espaço no Bairro dos Coelhos, quando foi perguntado “Você sabe onde é à esquerda e a direita?”, somente 23% responderam que não sabem e 77% que sim sabem onde é à esquerda ou à direita.

Na pergunta “No mapa do Brasil você sabe reconhecer onde você mora?”, 73 % responderam que sim sabe reconhecer e só 27% responderam que não sabe.

Esses resultados confirmam o que foi descrito no marco teórico: “O Nordeste brasileiro tem a maior taxa de analfabetismo do País, com um contingente de quase oito milhões de analfabetos, o que corresponde a 50% do total do País.” (INEP, 2015, p. 7). Coincide em relação a região considerando que a região onde foi feita a pesquisa fica no Nordeste.

O **quarto objetivo da pesquisa** foi descrever a percentagem em quanto à noções dos direitos a educação dos adultos do Bairro dos Coelhos.

Na a pergunta “Você sabia que o Art. 6º da Constituição Federal reconhece a educação como um direito social?” 64% responderam saber que sim sabem e 36% não sabe.

Em relação a pergunta sobre o Art. 205 da Constituição Federal onde diz que a educação é um direito de todos e dever do Estado e da família o resultado foi igual a pergunta anterior. Quer dizer que os participantes da pesquisa conhecem os direitos em relação a educação como um direito social e como um direito de todos e dever do estado e da família.

Já na seguinte pergunta “Você sabia que o Art. 53 do Estatuto da Criança e do Adolescente assegura igualdade de condições para o acesso e permanência na escolar?” o resultado em relação a respostas positivas foi menor, 64% responderam que não sabia e 36% que sim.

Posteriormente na pergunta “Você sabia que no Art. 5º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação diz que a educação é um direito público?” as respostas positivas foram menores ainda, 73% responderam que não sabiam e 27% que sim sabiam e menor ainda na seguinte pergunta que esta relacionada ao conhecimento da Educação de Jovens e Adultos (EJA).

E por ultimo quando os participantes foram consultados se “alguma autoridade falou pra você que tinha esses direitos à educação?” uma elevada percentagem respondeu que não, 73% e só 27% responderam que sim.

Esse resultado quer dizer que não se cumpre o que foi escrito no marco teórico “a educação é um dos direitos humanos. Está reconhecida no artigo 26 da Declaração Universal dos Direitos Humanos: 1. Toda pessoa tem direito à instrução. A instrução será gratuita, pelo menos nos graus elementares e fundamentais. A instrução elementar

será obrigatória. A instrução técnicoprofissional será acessível a todos, bem como a instrução superior, esta baseada no mérito.”

Também não se cumpre o que diz no marco teórico: “A Constituição Federal de 1988 reconhece a educação como um direito social: Art. 6º: São direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição (Brasil, 1988 in Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República, 2013, p. 31).”

Assim, enquanto o conceito usado pelo IBGE nas suas estatísticas considera alfabetizada a “pessoa capaz de ler e escrever pelo menos um bilhete simples no idioma que conhece”, cada vez mais, no mundo, adota-se o conceito de analfabeto funcional, que incluiria todas as pessoas com menos de quatro séries de estudos concluídas. (INEP in Alvarenga et al, 2017, p. 6)



## SUGESTÕES

Considerando os resultados que mostram a falta de preparo acadêmico dos pesquisados sugerem-se os seguintes:

Que o Ministério da Educação divulgue e faça valer o direito à educação de todos os cidadãos, a fim de cumprir as disposições da Constituição de igualdade de condições para o acesso e permanência na escola.

Que o Estado cumpra seu dever, isso poderia ser feito através de visitas domiciliares no bairro onde a pesquisa foi realizada para convidar adultos a frequentar a escola dentro dos programas que o Estado Brasileiro tem para a educação de adultos conhecida como EJA (Educação de Jovens e Adultos). Divulgar a oferta de educação escolar regular para jovens e adultos.

Divulgar a través dos órgãos do MEC correspondentes acesso público e gratuito aos ensinos fundamental e médio para todos os que não os concluíram a escola na idade própria.

Evitar que as crianças dos participantes da pesquisa repitam a falta de acesso à educação escolar divulgando também as vagas na escola pública de educação infantil ou de ensino fundamental mais próxima de sua residência a toda criança, como estabelece a Lei e considerando essa Lei estabelece que é dever dos pais ou responsáveis efetuar a matrícula das crianças na educação básica a partir dos 4 (quatro) anos de idade.

## REFERÊNCIAS

- Abicalil, C. (2014). Sistema Nacional de Educação Legislação Educacional Brasileira. Brasília, DF.
- Alvarenga, M.; Reguera, E.; Serra, E.; Ventura, J. (2017). Interrogando o direito à educação: oferta e demanda por educação de jovens e adultos no estado do Rio de Janeiro. *Crítica Educativa (Sorocaba/SP)*, v. 3, n. 3, p. 25-41, ago./dez.2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.22476/revcted.v3i3.243>
- Balem, N. M. (s/d). REVISITANDO CONCEITOS: ALFABETISMO/ANALFABETISMO E RESPECTIVOS NEOLOGISMOS
- Braga, A. C. (2014 ). O desafio da superação do analfabetismo no Brasil: uma análise do Programa Brasil Alfabetizado no município de Araraquara/SP. Dissertação apresentada ao Programa de PósGraduação em Educação Escolar da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP, Campus de Araraquara, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Educação Escolar.
- Brasil. (1999). Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais. Brasília, DF: MEC.
- \_\_\_\_\_. (2015). Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. Parecer n. 11, de 10 de maio de 2000. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 9 jun. 2000. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/eja/legislacao/parecer\\_11\\_2000.pdf](http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/eja/legislacao/parecer_11_2000.pdf). Acesso em: 15 mar.
- \_\_\_\_\_. (2001). Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. Programa de Formação de Professores Alfabetizadores. Brasília, DF: MEC.
- \_\_\_\_\_. Lei n. 11.274, de 6 de fevereiro de 2006. Altera a redação dos arts. 29, 30, 32 e 87 da Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, dispondo sobre a duração de 9 (nove) anos para o ensino fundamental, com matrícula obrigatória a partir dos 6 (seis) anos de idade. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 7 fev. 2006. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato20042006/2006/Lei/111274.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato20042006/2006/Lei/111274.htm). Acesso em: 15 mar. 2015.
- \_\_\_\_\_. (2015). Decreto n. 6.094, de 24 de abril de 2007. Dispõe sobre a implementação do Plano de Metas Compromisso Todos pela Educação, pela União

Federal, em regime de colaboração com Municípios, Distrito Federal e Estados, e a participação das famílias e da comunidade, mediante programas e ações de assistência técnica e financeira, visando a mobilização social pela melhoria da qualidade da educação básica. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 25 abr. 2007.

Disponível em:

<[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato20072010/2007/decreto/d6094.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato20072010/2007/decreto/d6094.htm)>.

Acesso em: 15 mar.

\_\_\_\_\_. (2008). Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Pró-Letramento: programa de formação continuada de professores dos anos/séries iniciais do ensino fundamental: alfabetização e linguagem. Brasília, DF: MEC.

\_\_\_\_\_. (2015). Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. Resolução n. 7, de 14 de dezembro de 2010. Fixa Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental de 9 (nove) anos. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 15 dez. 2010. Disponível em:

<[http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/rceb007\\_10.pdf](http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/rceb007_10.pdf)>. Acesso em: 15 mar.

\_\_\_\_\_. História da alfabetização de adulto: de 1960 até os dias de hoje. Disponível em: <<http://www.ucb.br/sites/100/103/TCC/12005/CristianeCostaBrasil.pdf>>.

Acesso em: 1 nov. 2014.

Calmon, J. (1974). A educação e o milagre brasileiro. Rio de Janeiro: J. Olympio,

Carvalho, M. A. (2013). Memória e identidade do aluno da EJA em relatos autobiográficos. Disponível em:

<[http://tede.mackenzie.com.br//tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=3067](http://tede.mackenzie.com.br//tde_busca/arquivo.php?codArquivo=3067)>. Acesso em: 5 jan. 2015.

Cervo, A. L. (2007). Metodologia Científica. 6ª Ed. São Paulo: Person Prentice Hall.

Cunha, L. A. (2002). O golpe na educação. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Chagas Fernandes, F. (2013) (Coord.) Fórum Nacional de Educação – FNE. Educação Brasileira: Indicadores e Desafios Documento de Consulta. Brasília - DF . Maio/2013. Educação brasileira: indicadores e desafios: documentos de consulta / Organizado pelo Fórum Nacional de Educação. -- Brasília: Ministério da Educação, Secretaria Executiva, Secretaria Executiva Adjunta.

Ferreira, A. B. H. (2001). O minidicionário da língua portuguesa. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Freire, A. M. A. (1989). Analfabetismo no Brasil. São Paulo: Cortez.

Gil, A. C. (2014). Métodos e Técnicas em Pesquisa Social. 6ªed.- São Paulo: Atlas.

Ghiraldelli, J. P. (2009). História da educação brasileira. 4. ed. São Paulo: Cortez,

- INEP. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira Mapa do Analfabetismo no Brasil. Ministério da Educação.
- Machado Fernandes, A. V.; Casari Paludeto, M. (2010). Educação E Direitos Humanos: Desafios Para A Escola Contemporânea. Cad. Cedes, Campinas, vol. 30, n. 81, p. 233-249, mai.-ago.
- Malheiros, B. T. (2011). Metodologia da Pesquisa em Educação. Rio de Janeiro, Ltc.
- Marconi, M. de A.; Lakatos, E. M. (2010). Fundamentos de metodologia científica. 7.ed. São Paulo: Atlas.
- Mortatti, M. R. L. Um balanço crítico da “Década da Alfabetização” no Brasil. Caderno Cedes, Campinas, v. 33, n. 89, p. 15-34, 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v33n89/a02v33n89.pdf>>. Acesso em: 3 nov. 2014.
- Pontifícia Universidade Católica. (2003). Avaliação diagnóstica de conteúdos e níveis de alfabetismo adulto: Contribuição à prática pedagógica. São Paulo: PUC.
- Oliveira, L. B. (2014). Educação no campo: Mobral no meio rural de Uberlândia. 2011. Disponível em: <<file:///G:/EDUCA%C3%87%C3%83O%20NO%20CAMPO%20MOBRAL.pdf>>. Acesso em: 1 nov. 2014.
- Otoni de Castro, M. L. (2007). A Educação Brasileira nos dez Anos da LDB. Brasília, junho /2007.
- Ravanello Ferraro, A. (2008). Direito à Educação no Brasil e dívida educacional: e se o povo cobrasse? Educação e Pesquisa, São Paulo, v.34, n.2, p. 273-289, maio/ago.
- Ribeiro, V. M. (1997). Alfabetismo funcional: Referências conceituais e metodológicas para a pesquisa. Educação & Sociedade, ano XVIII, nº 60, dezembro.
- Ribeiro Boeing, R. F.; Nogueira de Borba, A.; Götzinger, A. B.; Lopes, F.; Novais, V. de (2015). Políticas e Programas de Erradicação do Analfabetismo no Brasil nas Últimas Quatro Décadas.
- Sacristan, J. G. (2000). A educação obrigatória: seu sentido educativo e social. Porto-Portugal: Porto Editora,. Coleção Currículo, políticas e práticas.
- Santomé, J. T. (2003). A Educação Em Tempos De Neoliberalismo. Trad. Cláudia Schilling. Porto Alegre: Artmed, SOARES, M. Letramento: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica.
- Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República. (2013). Por uma cultura de direitos humanos. Direito à Educação. Brasília: Secretaria Nacional de Promoção e Defesa dos Direitos Humanos.

Trivinhos, A. N. S. (2012). Introdução à pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação. 1ª Ed.- 21. Reimpr.- São Paulo: Atlas.

Wazlawick, R. S. (2009). Metodologia de Pesquisa para Ciência da Computação. FACOM/UFU.

## **ANEXOS**

**ANEXO N° 1**

**INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS**

Esse instrumento foi elaborado para obter dados que serão utilizados na tese de Maestria “**PERCENTAGEM DE ANALFABETISMO E DIREITO A EDUCAÇÃO EM ADULTOS DE 25 A 40 ANOS DO BAIRRO DOS COELHOS, RECIFE, PE – BRASIL – ANO 2.018**”, para a Universidad Autónoma de Asunción.

Peço - le sua resposta sincera em relação ao tema em questão. Eu garanto que seu nome não será divulgado, somente os resultados.

Muito obrigado!

Teófilo Barbalho

|                                  |   |
|----------------------------------|---|
| <b>I Dados sociodemograficos</b> |   |
| 1.                               | Idade:  |
| 2.                               | Sexo: M.... F.....  |
| 3.                               | Estado Civil:<br>Solteiro/a.....<br>Casado/a.....<br>Viúvo/a.....<br>Separado/a judicialmente.....<br>Divorciado/a..... |
| 4.                               | Você sabe escrever seu nome?<br>Sim.....<br>Não.....  |
| 5.                               | Você tem emprego?<br>Sim.....<br>Não.....   |
| 6.                               | Você tem um emprego com salário fixo?<br>Sim.....<br>Não.....   |
| 7.                               | Você teve acesso à escola?<br>Sim.....<br>Não.....  |
| 7.                               | Qual o grau que você alcançou na escola?<br>.....   |
| 8.                               | Quantos anos você tinha quando aprendeu a ler? .....  |

|   |  |            |                 |            |
|---|--|------------|-----------------|------------|
| <b>II. LEITURA E DA ESCRITA EM ALFABETISMO ADULTO</b> |  |            |                 |            |
|   |  | <b>Sim</b> | <b>Um pouco</b> | <b>Não</b> |
| 1.  | Você sabe ler?                             |            |                 |            |
| 2.  | No seu dia-a-dia, você lê ?                |            |                 |            |
| 3.  | Alguma vez você já aprendeu a ler?         |            |                 |            |
| 4.  | Alguém lê para você?                       |            |                 |            |
| 5.  | No seu dia-a-dia você precisa escrever ?   |            |                 |            |
| 6.  | Alguém escreve para você?                  |            |                 |            |
| 7.  | Você quer aprender a ler e escrever?       |            |                 |            |
| <b>III NOÇÕES DE MATEMÁTICA EM ALFABETISMO ADULTO</b> |  |            |                 |            |
| 1.  | No seu dia-a-dia, você usa os números?     |            |                 |            |
| 2.  | Você sabe fazer soma e resta?              |            |                 |            |
| 3.  | Você sabe fazer multiplicações e divisões? |            |                 |            |

| <b>IV NOÇÕES DE ESPAÇO EM ALFABETISMO ADULTO</b> |   |   |            |
|--|---|---|------------|
|  |   | <b>Sim</b>  | <b>Não</b> |
| 1.   | Você sabe onde é à esquerda e a direita?  |   |            |
| 2.   | Quando precisa ir à esquerda ou à direita, você pergunta?   |   |            |
| 3.   | No mapa do Brasil você sabe reconhecer onde você mora?  |   |            |
| <b>V NOÇÕES DO DIREITO A EDUCAÇÃO</b>            |   |   |            |
| 1.   | Você sabia que o Art. 6º da Constituição Federal reconhece a educação como um direito social?   |   |            |
| 2.   | Você sabia que o Art. 205 da Constituição Federal a educação é um direito de todos e dever do Estado e da família?  |   |            |
| 3.   | Você sabia que o Art. 53 do Estatuto da Criança e do Adolescente assegura igualdade de condições para o acesso e permanência na escola?   |   |            |
| 4.   | Você sabia que no Art. 5º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação diz que “O acesso à educação básica obrigatória é direito público subjetivo, podendo qualquer cidadão, grupo de cidadãos, associação comunitária, organização sindical, entidade de classe ou outra legalmente constituída e, ainda, o Ministério Público, acionar o poder público para exigi-lo”? |   |            |
| 5.   | Você sabia a educação de Jovens e Adultos (EJA) se configura como a modalidade da educação básica que tem como pressuposto garantir o direito à educação escolar àqueles que não a concluíram ou a ela não tiveram acesso durante a infância e a adolescência?  |   |            |
| 6.   | Alguma autoridade falou pra você que tinha esses direitos à educação?   |   |            |
| 7.   | Você foi pra EJA?   |   |            |
| 8.   | Se você foi e não conseguiu permanecer na EJA foi por que:  | a) A escola ficava longe.<br>b) Tinha que trabalhar.<br>c) Teve filhos.<br>d) Falta de incentivo. |            |